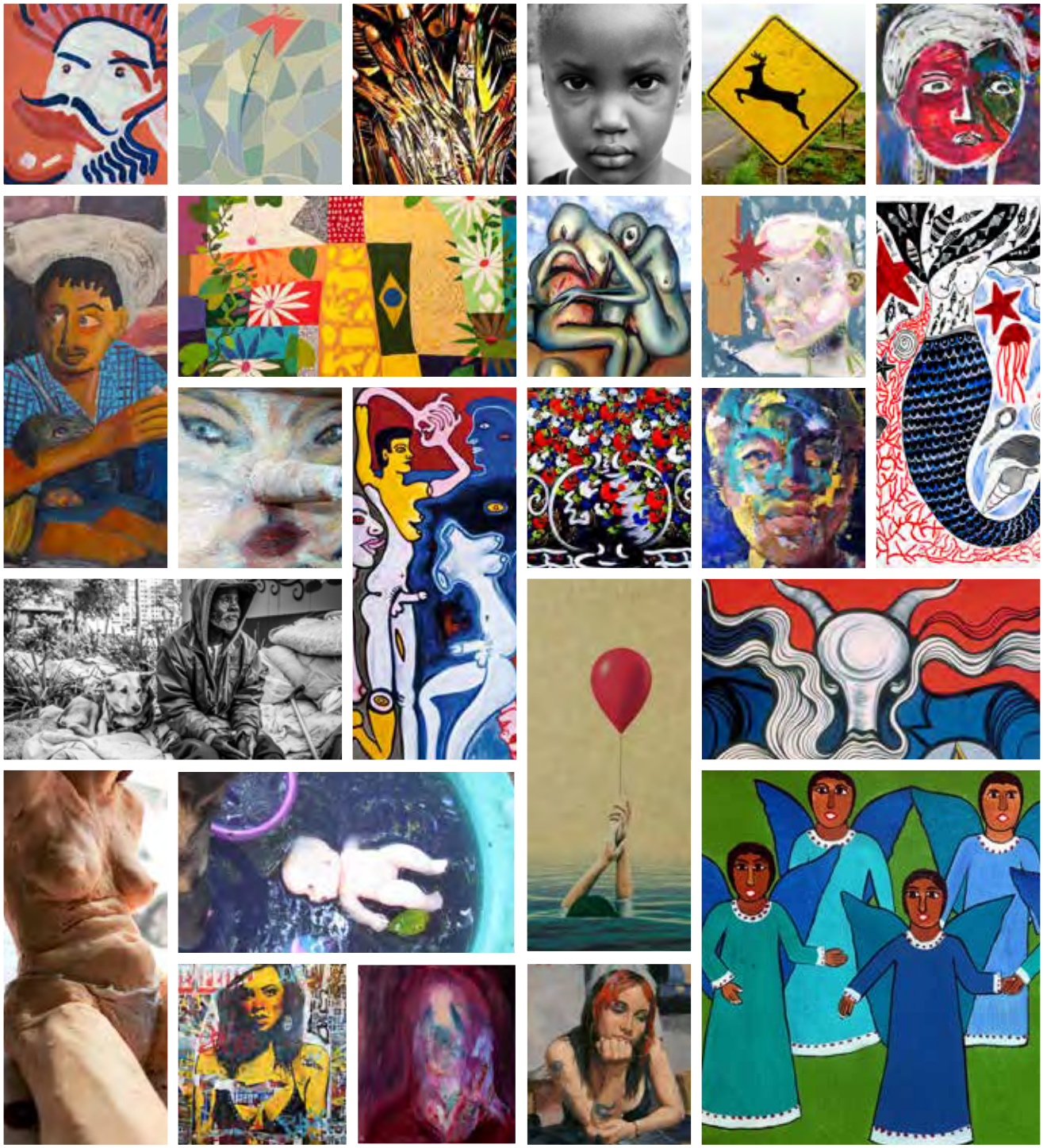
PIÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO COMEMORATIVA
ANO 3
ABRIL/2021



Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

É no periódico que se encontram diferentes gerações literárias: umas tentando mostrar o vigor com o qual se consolidaram, outras lutando por um lugar ao sol. Alguns movimentos artísticos do passado começaram com um manifesto publicado em jornal ou revista, simpatizantes do ideário inovador, ou lançados pelo próprio coletivo como um grito de nascituro. Em geral, esse padrão deu-se em grandes centros urbanos porque nas pequenas localidades as publicações de circulação rarefeita albergavam escritores de todas as tendências. Muito embora o fortalecimento de pequenas editoras e o surgimento das redes virtuais de relacionamento tenham facilitado as publicações de escritores iniciantes, o periódico ainda funciona como ponto de encontro, um café contemporâneo repaginado onde se sentam e conversam alegremente velhos e moços. Nesse papo, convergem e divergem. De vez em quando, alguém vira a mesa e sai bufando porta afora.

A Revista Literária Pixé é o retrato da geração de escritores deste começo do século XXI. Mesmo enfrentando o enorme risco de julgar o vento a partir do olho do furacão, estou disposto a antecipar minhas impressões sobre o tempo em que vivo. Inicialmente, não percebo um tensionamento estético tão intenso como nos movimentos vanguardistas de 100 anos atrás. Arrefeceu o ímpeto violento pela ruptura que o futurismo iniciou e que redundou no deboche dadaísta. Com o tempo, os críticos perceberam que o resultado prático dessas inquietações rendeu mais performances conceituais do que obras nas prateleiras. Sucessivos rompimentos redundaram em autofagia. Os jovens da "vanguarda" purificaram-se tanto que atearam fogo em si mesmos. Outro elemento que me chama atenção é a tendência pelo engajamento temático a fim de sustentar determinada bandeira política. Na revista, tive oportunidade de afirmar que essa inclinação não é necessariamente ruim. Veremos o que a crítica, no futuro, falará em termos de consistência estética dessa produção.

O nome escolhido para essa revista não é um acaso. PIXÉ reivindica uma geografia. Publicamos autores e artistas nacionais e internacionais a partir de Cuiabá, encravada no sertão brasileiro. Diante deste fato, me deparei diante de duas possibilidades. A primeira delas era a mais confortável. Unir os escritores e artistas da região para conceber uma publicação com o regionalismo estampado na testa e cravado na alma. Falar "de" e "para" um público de amigos, compadres e confrades, é a endogenia que garante aplauso fácil, costumeiramente resignado às cercanias da "província". Se optasse por esse caminho, a Revista PIXÉ integraria um certo sistema autorreferente cuja circularidade seria tão restrita quanto pouco desafiadora. Preferi o caminho mais difícil. Sustentando o nome que caracteriza um valor regional, fiz a embaixada junto a escritores e artistas de todo o Brasil e do exterior. Na minha avaliação, a tecnologia do mundo virtual abriu janelas para um diálogo inédito em termos de intensidade e de diversidade.

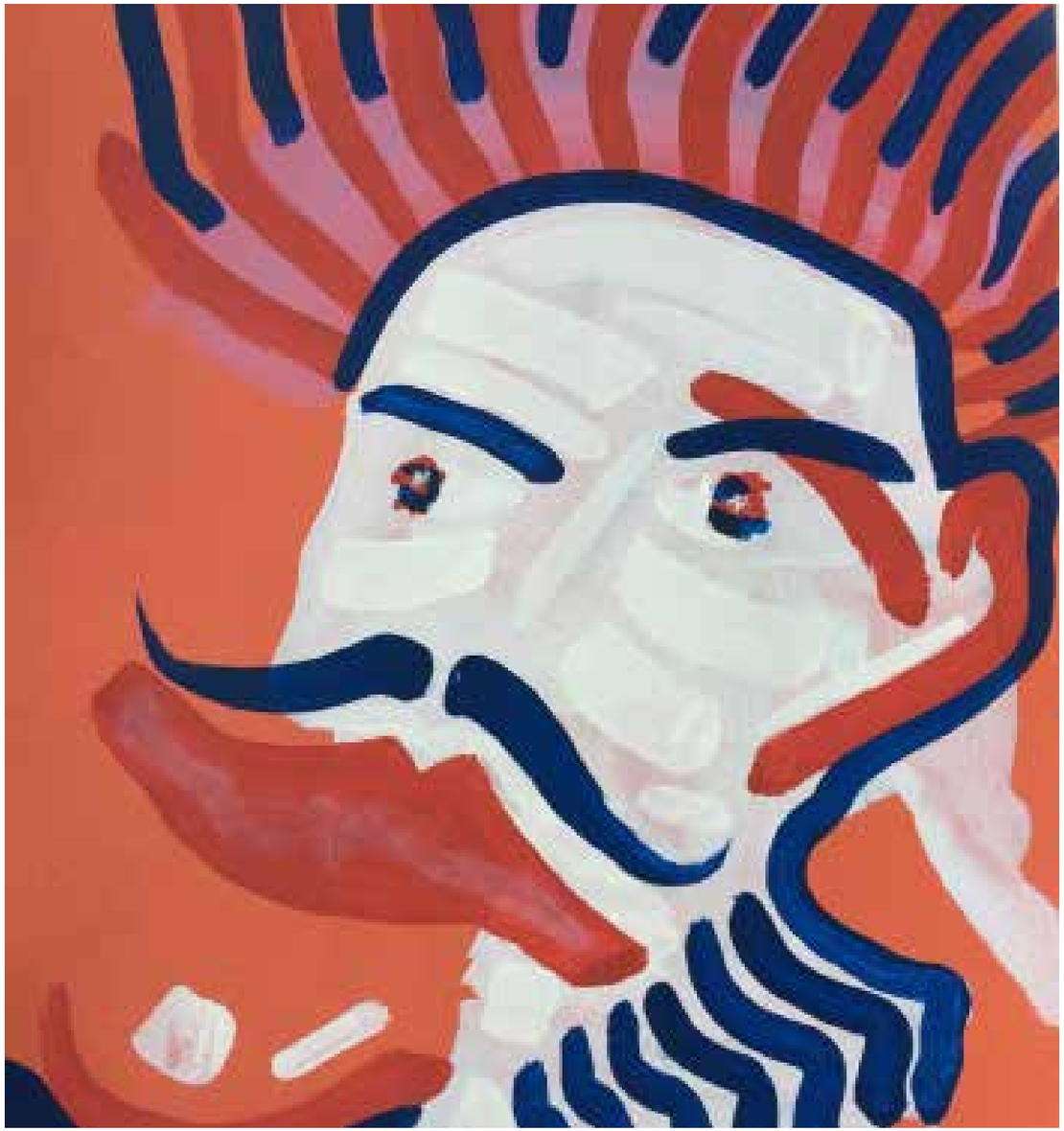
Reconheço que a aposta foi e continua sendo muito alta. Há um duplo risco. O mais óbvio é o estranhamento interno com o ângulo da abertura. O costume de chamar de "nosso" o produto local pode esbarrar com a pretensão universalizante do produtor. Não raras vezes, a tribo sacrifica quem se afasta do padrão esperado. O diferente sofre o expurgo, o exílio, o apagamento. O segundo risco, diametralmente oposto, é o estranhamento externo com o fato de uma edição tão bem elaborada partir da periferia cultural, longe dos centros hegemônicos de expressão nacional. O que é PIXÉ?, quis saber tanto a poeta do interior da Bahia quanto o artista plástico que mantém o ateliê em Nova Iorque. O que é PIXÉ?, quis saber o escritor paulista, a fotógrafa alemã, o romancista caboverdiano e o jovem que faz xilogravuras em Guiné-Bissau. Costumo não responder. Acho mesmo que o segredo é não dizer nada. Parece que a estratégia esfíngica está dando certo. Por quê? Não digo nem sob tortura. A explicação quem dará é o tempo.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

PILOTO
ANO 1
MARÇO/2019



EDITORIAL

Senhoras e senhores, anunciamos uma inédita exportação de pixé! Nossas fábricas estão a pleno vapor. Contratamos centenas de funcionários e outros tantos estão em treinamento para oferecer ao mercado consumidor o melhor pixé do mundo. São três turnos de trabalho, mais horas extras. Nossas encomendas de pixé chegam de todos os lugares e, por isso, criamos a versão virtual. Nossos clientes possam ir consumindo com os olhos. Não, não adianta insistir. Ninguém fura a fila! Fiquem calmos e façam suas encomendas. Garantimos a entrega no prazo, sem contratempos. Daqui pra frente, nosso trabalho é garantir para o povo o nosso pixé de cada dia.

Ainda não experimentou? Como assim? Não sabe o que é pixé? Não se culpe, ora essa. Pode não ser culpa sua. Pixé é a nossa senha. Não é para saber, é para prazer. Então, mil perdões, mas ninguém aqui dá receita. Muitos já tentaram, fizeram de tudo. Mas nunca o nosso pixé foi imitado, reproduzido com o mínimo do gosto original. A gente sente comendo, a gente come sentindo. Quem não comeu, ainda não pode sentir exatamente o que nós somos. Quem já comeu, mas não sentiu, nunca saberá. É por isso que as encomendas explodiram: cada vez mais gente quer fechar os olhos e se entregar ao prazer sem culpa, ao conhecimento pela experiência.

E não é assim também com a literatura? Um grude? Um vício? Um prazer inconsútil? O prazer é o consumo, não a revelação da receita. Pouco importa ao leitor de que forma o escritor articula suas letras, se não dorme, se não come, se chora ou se transpira. O que se quer é o resultado. Portanto, entregamos esse 1º número de Pixé esperando que você leia, releia, se lambuze e queira mais. O que falta em papel, sobra em qualidade artística e literária. Leia em qualquer lugar, a qualquer hora e compartilhe com os amigos. Nossa publicação é mensal e teremos todo o conteúdo de pixé disponível para consulta.

Nessa edição, vamos devorar o talento de Silvio Sartori. A mescla contemporânea da arte pop é uma colagem de referências. É o talento de Sartori que vai definir a proporção do que é humano e do que é objeto, do que é urbano e do que é rural, do que é fantasia e do que é real. Difícil saber o limite entre uma coisa e outra, principalmente porque a nossa cultura se alimenta de paródias. E isso importa realmente? Basta! Dizer mais que isso é bancar o curador erudito. Não queremos traduzir nada. A nossa proposta é que você simplesmente aprecie.

Pixé acaba de chegar.
Coma com os olhos!

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 1
ANO 1
ABRIL/2019

EDITORIAL

Deus livre os escritores da canonização! A consagração do autor é como metê-lo no gesso e deixá-lo curar, mais ou menos o que Roland Barthes melhor definiu como "a morte do autor". A crítica literária é assim: uma necropsia impiedosa, com direito à exposição pública dos bofes autorais. Nós, aqui da Pixé, queremos continuar bem vivos a desafiar a nossa própria biografia. O que a literatura mais precisa não são de pódios de chegada, mas de linhas de partida. Sirva o presente editorial como um alerta: menos bustos de bronze, menos pedestais de mármore, menos púrpura cardinalícia na produção contemporânea. No mundo virtual, a existência é uma invenção; o espaço, uma ficção; o tempo, uma onipresença presente. Nós somos quem escolhemos ser. Acabou-se o tempo de definições terceirizadas.

Já foi o tempo que Belchior tinha razão: "minha dor é perceber que, apesar de termos feito tudo, tudo, tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais". O tempo servia para acomodar temperamentos, o enjoo do marinheiro de primeira viagem e o tesão do garoto com as revistinhas do Carlos Zéfiro. Não se fazem mais velhos como antigamente! Fazer literatura às margens dos grandes centros tem essa vantagem – não permitir que o escritor faça corpo mole. Hoje em dia, poesia vende! E vende muito! A nossa poesia não está oferecida a granel nas prateleiras das livrarias, mas no varejo das redes sociais. Vende-se poesia nos postes de rua, nos muros em branco e nas canecas de café. Vende-se poesia nos imãs de geladeira, nas bocas de profeta de rua e até nas cuecas samba-canção. Enfim, o poema desencarnou dos livros. Tchau e benção. Saravá!

Por tudo isso, a literatura contemporânea não reza no catecismo de nenhuma igrejinha, os movimentos viraram movimentações, os manifestos converteram-se em manifestações. Não queiram que os escritores prossigam com rituais do beija-mão ou gastem os joelhos nos antigos altares a flagelar o próprio estilo para alcançar a canonização depois da morte. O que não falta é santo com pé de barro. O grande lance é dar trabalho ao leitor e aos estudiosos. Enquanto eles vão com o caju, nós voltamos com a castanha. Certo mesmo estava Raul Seixas que não ficava parado no trono do apartamento com a boca escancarada, esperando a morte chegar. A nossa boca quer comer, quer beijar, quer morder e não quer calar.

Além do mais, a Revista Pixé não está aqui para matar a fome de ninguém. O nosso maior desejo é ouvir o ronco da barriga do leitor. No máximo, oferecemos pílulas de reposição poética, tratamento de longo prazo para não deixar a vida amargar. Aí está a nossa homeopatia literária: de letra em letra. No cardápio desta edição, a arte de Regina Pena está servida: fragmentada, pigmentada, encapsulada, pronta para explodir e virar borboleta. A artista alcança as cores de Gauguin, sem precisar ir tão longe para encontrar inspiração. Capta toda a luz de que precisa dessa nossa polinésia cuiabana. Portanto, coloquem os óculos escuros e boa leitura!

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 2
ANO 1
MAIO/2019

EDITORIAL

Pixé na praça! Nesta edição, o leitor perceberá um duplo movimento: enquanto a arte de Mató atomiza a estética convencional e a reorganiza em labirintos, mais escritores se aglutinam em volta dessa nova tribo virtual. Haverá futuro? Será o fim da História? A provocação de Fukuyama deve ser recolocada na contemporaneidade. O papo está difícil? A gente descomplica. No passado, ao fechar os olhos e imaginar o futuro, a maioria das pessoas não acreditaria no nosso presente, tão prosaico, tão insosso. Tudo seria mais interessante: carros voadores, turismo espacial, contato alienígena, a cura de todas as doenças. Viveríamos para sempre com a pedra filosofal da tecnologia.

Contudo, o progresso sonhado por Júlio Verne num mundo ordeiro e limpo, o futuro de paz e prosperidade, o amanhã nascido para seres superiormente inteligentes, perdeu-se em guerras e outras atrocidades. Dessa desilusão, nasceu um futuro alternativo ao otimismo passado, mais à moda de Aldous Huxley e George Orwell. Renasceu o Frankenstein de Shelley, reencarnado em muitos monstros que Stevenson anteviu para essa humanidade-desumana. Não ficamos nada parecidos com os alienígenas dos filmes: mais altos, magros, delicados e racionais. Somos os humanos de sempre: macacos que fazem ironia.

O futuro não é mais como era antigamente. O século passado virou de pernas pro ar o que se esperava dele. Na literatura, o homem virou mulher com Virgínia Wolf, virou barata com Franz Kafka e, finalmente, indeterminou-se com Samuel Beckett. Nas artes plásticas, todas as certezas derreteram com Dali e despedaçaram-se com Picasso. O que é arte?, fustigou Duchamp. A arte é o vem do artista e, portanto, é o próprio artista nominando a si e à obra. Se Deus ordenou "fiat lux" e a luz se fez, no século XX o artista reordenou as coisas. "Fiat artem" e a arte se fez e ainda se faz pelo que diz e pelo que quer dela mesma.

No contemporâneo, o futurismo de Marinetti tornou-se passadismo? A vanguarda cedeu à retaguarda? O quão moderno continua o modernismo? Que modernidade não se tornou conservadora? Não temos o distanciamento suficiente para responder a todas as perguntas no turbilhão do tempo-instante. O fato é que muito de Severini e de Russolo, outro tanto de Balla e de Prampolini habitam na arte de Maria Pia Tedesco, a nossa Mató. Com os futuristas italianos, a geometria deixou de ser a expressão da certeza para envolver a humanidade em armadilhas, labirintos, ansiedades e desilusões.

Não nos parece que tenhamos superado os questionamentos do século XX. Até mesmo o conceito de "superação" envelheceu. Portanto, as antigas noções de rompimento, de revolução e de vanguarda passaram a ser tão cíclicas e tão quotidianas que perderam o sentido. Pensando bem, trocamos a paranoia da superação pela convivência com a diversidade, a despeito dos rótulos que não passam de reducionismos.

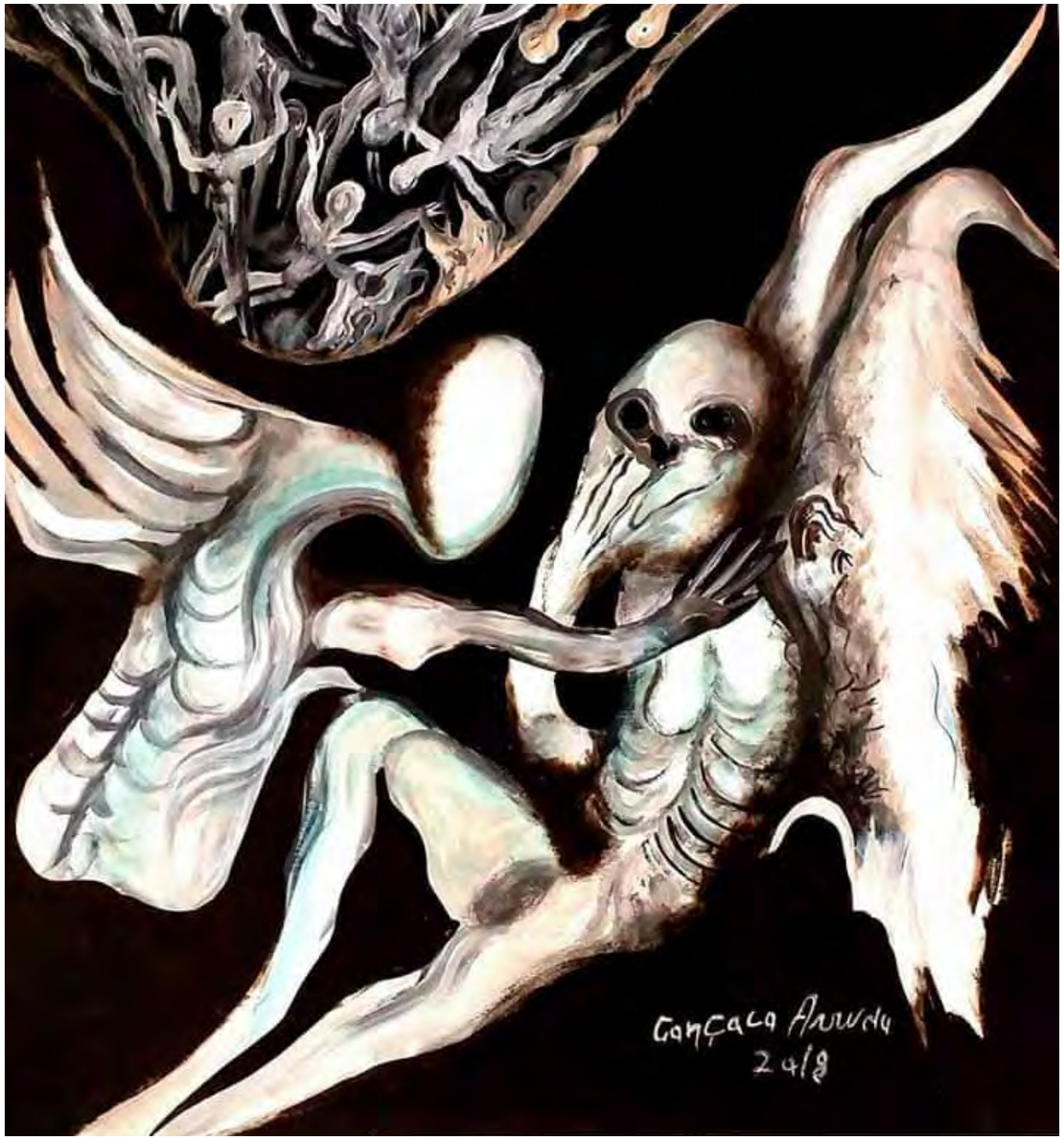
Talvez o ser humano nunca supere a si mesmo, condenado a viver de meras atualizações para as mesmas perguntas de sempre. O monólito de Arthur Clark ainda não foi decifrado, desde os australopitecos até o homo tão pouco sapiens. Talvez seja assim que devamos interpretar os fragmentos de Mató: monólitos de tempo, perplexidades sobre o que somos, de onde viemos e para onde vamos. Talvez seja assim também com a literatura. Responda você!

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 3
ANO 1
JUNHO/2019



EDITORIAL

Pixé chegou com o diabo no corpo! A literatura mais parece um pacto, uma espécie de contrato não escrito onde se convenciona que o leitor vai se submeter à ficção proposta pelo autor. Coisa do belzebu, do diabo, do capeta, do tinhoso, do sem-nome, ou ainda, do capiroto, arrenegado, coisa-ruim, como preferia Guimarães Rosa. O leitor, para participar do jogo da literatura, obriga-se a ler. Pode perguntar à vontade, mas o autor não está ao lado para responder. Dessa forma, a ficção é uma realidade pactuada, por mais insanas as criações literárias. O diabo concede conhecimento, entretenimento, faz rir e faz chorar, revela as artimanhas da criação real e irreal. Em troca, rouba o que de mais precioso tem o ser humano: tempo.

Para fazer esse pacto, ninguém precisa ir a uma encruzilhada ou procurar o Dito Cujo no rodamoinho. Basta passar na biblioteca ou acessar o site da Revista Pixé. Em troca do seu valioso tempo, oferecemos a você a nossa fantasia, a nossa emoção, as nossas mentiras mais sinceras. Não temos a intenção de testar a paciência do leitor com a mesma tenacidade com que Lúcifer fustigou o coitado de Jó, nem tampouco exigimos o sacrifício da sua lucidez como foi o caso do incauto músico Leverkühn, criado por Thomas Mann. Hoje em dia, para se entregar ao estranho mundo da literatura, não é preciso preencher com sangue o contrato AT 756B, basta um clique para encontrar tentações da literatura e muitas outras, menos nobres.

A arte de Gonçalo Arruda é o nosso combinado do mês com o leitor. Essas formas infernais, saídas do obscuro território psíquico do nosso artista homenageado nesta edição, já foram vistas em Hieronymus Bosch. Do que se trata a caricatura demoníaca? O que pretende expressar? Não coloquemos as artes plásticas num divã. Queremos apenas chamar atenção para a transformação do que era, até então, conhecido como anormalidade. Aberrações foram pintadas em hipérboles para inspirar terror, exatamente da mesma forma que a divindade foi expressada pela harmonia simétrica. É que, para pautar o comportamento social, era preciso forjar um padrão de normalidade. E hoje? O que dizer sobre o anormal?

O desafio do contemporâneo é a inclusão. As ciências sociais desvendaram muitas estratégias das narrativas excludentes, seja na arte, seja na política. Até o século XXI, o poder elegia, classificava, excluía e esmagava a divergência. Quem ficava de fora da estética do poder, era varrido do mapa. Isso mudou. E, se não mudou completamente, precisa mudar. É tempo de um novo pacto, portanto. No contrato contemporâneo, todos são considerados normais, há espaço para a divergência, a minoria não é esmagada. A arte de Gonçalo Arruda não retrata propriamente seres demoníacos, antes serve de espelho para as nossas próprias dificuldades. Não será resultado de uma sofisticada ironia o delicado equilíbrio do homem musculoso? Não serão os piores demônios as nossas vaidades, os nossos egoísmos, as nossas arrogâncias?

Vivemos um tempo de ampla consciência e, por isso, de duro questionamento. A Revista Pixé põe em xeque algumas convenções: as fronteiras esmaecidas, os regionalismos dissolvidos, as instituições literárias que caducaram. O tempo do agora, o espaço do aqui, a identidade por filiação são os novos demônios que muitos conservadores pretendem exorcizar. Podem tirar o cavalo da chuva. Não estamos dispostos a celebrar missas negras, mas podemos celebrar os negros na missa. Os negros, as mulheres, os gays, os periféricos, os anônimos e apagados em geral, os considerados pobres-diabos sem oportunidade. Então, vamos fazer um pacto?

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 4
ANO 1
JULHO/2019

EDITORIAL

Pixé na estrada! Mais um número da nossa híbrida revista de literatura e arte. Dessa vez, embarcamos na boleia de Jonas Barros. As imagens nos convidam à reflexão: estamos vivendo nas fronteiras. Tudo é uma grande fronteira que se fixa ou se dilui conforme o mapa que se utilize. Fronteira geográfica, fronteira nacional, fronteira agrícola, fronteira da civilidade. Não, minha gente! Convém não confundir com fronteiras da civilização. Ao contrário do que se costuma afirmar, não estamos na periferia, muito ao contrário. Falamos do centro, do centro geodésico da América do Sul, do enorme e ignorado Brasil. O nosso centro amazônico-pantaneiro é o centro do interesse do mundo todo, é o centro da biodiversidade, é o centro cultural de centenas de povos, é o centro global da produção de alimentos.

Esse nosso "umbigo sul-americano" traz enormes desafios e o maior deles é equilibrar o interesse na preservação do ecossistema com o agronegócio. Essa ambivalência impacta, inclusive, a nossa escritura. Inicialmente, a literatura tratou a paisagem sob os auspícios do romantismo. Os bandeirantes, predadores de índios e farejadores de ouro, foram feitos heróis. Se, por um lado, as bandeiras redefiniram fronteiras nacionais e colonizaram os sertões brasileiros com a língua portuguesa e a cruz católica, estenderam para cá a lógica da subordinação pela qual o solo e os povos indígenas estariam à serviço de um "destino manifesto" luso-brasiliano. Os heróis do novo Éden serviram de modelo para, além de enriquecer as muitas metrópoles que nos exploraram e ainda exploram, fundar uma literatura encomiástica, um memorialismo ingênuo e uma pseudo-aristocracia provinciana.

Houve reação? Claro! Houve conflito? Evidente! Quem não reagiu e se escondeu foi a literatura. Como costuma acontecer, a arte estava vinculada aos donos do poder. Vozes isoladas gritaram. Entre elas, destacam-se Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Ricardo Guilherme Dicke e Lobivar de Mattos. Este último enfrentou tudo e todos nos dois livros que publicou – Sarobá e Areôtorare. A poesia de Lobivar tratou dos nossos sertões sem a costumeira grandiloquência, afastando a impregnada estética parnasiana. Além do mais, o cenário do poeta mato-grossense foi muito além de mimetizar o cânone que retratava a redundante riqueza mineral e exaltava a questionável bravura bandeirante. Lobivar de Matos deu voz aos negros, aos braçais, às lavadeiras, aos mendigos, aos bêbados e às prostitutas.

Alguém lembrou de Lima Barreto? É pra lembrar mesmo! São dois autores solidários e corajosos. Algumas coisas precisam ser ditas e não esquecidas. Uma delas é o pacífico convívio dos modernistas com o arcaico nacional, a conveniente neutralidade social e o abstencionismo político. Afinal, o que não falta é conservadorismo nas autointituladas vanguardas. Essa edição está ilustrada por verdades inconvenientes, imagens que fazem pensar nesse equilíbrio frágil de conquistados e conquistadores. Não se trata de uma pauta partidária, mas sempre de um compromisso político ao colocar o dedo na ferida. A nossa ferida do mês é o conceito de desenvolvimento. A que preço? A visão maniqueísta de condenar o produtor rural é tão descabida quanto apoiar a degradação ambiental. Não cederemos ao neorromantismo de idealizar um sertão idílico ou ao antimodernismo para flagelar o agronegócio, mas também não seremos omissos em deixar mais sangue inocente fertilizar nossa terra. Pixé é resistência. Pixé-sertão, Pixé-cerrado, Pixé-Pantanal, Pixé-Brasil.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 5
ANO 1
AGOSTO/2019

EDITORIAL

Pixé de novo! Pixé pro povo! Publicamos novamente uma edição riquíssima. Convém perguntar: quem avalia essa emulativa afirmação? Será o público? Serão os críticos? Quem terá a mercê de dizer o que é bom e o que é mau? Como toda ciência, os estudiosos da literatura reivindicaram o poder de classificar. No mais das vezes, fantasiam-se de cardeais para canonizar este ou aquele escritor. Terá lógica essa antiga prática? Será possível fugir da sombra dos clássicos? No contemporâneo, ainda resiste os conceitos de "alta literatura" e de "literatura universal"? Esses jogos de poder estão manjados, ninguém se engane. É claro que há escritores melhores que outros e livros de um mesmo escritor mais e menos consistente. No entanto, afirmar desníveis ganhou status de crime. Quem se arriscará a ser condenado por categorizar, por classificar, por escolher, numa palavra, por criticar?

Hoje em dia, os estudos culturais invadiram a praia da crítica literária e querem desnudá-la a todo custo. A palavra de ordem é relativizar. Relativiza-se tudo: o estilo, o tema, a geografia, a história, os personagens. Surgiu conceito contextual de "local de fala", expressão surrada de tão usada. O cânone passou a ser sinônimo de manifestação de poder, um instrumento incestuoso entre universidades, editoras, mídia e público. Assim como se paga por um lugar ao sol nas prateleiras, pode-se negociar uma boa crítica com recíprocos afagos. Qualquer esboço de qualificar passou a revelar o reverso da medalha: eleição arbitrária, caprichos eletivos, preferências afetivas. Numa palavra: criticar é exercer algum tipo de poder e, se é assim, significa também excluir. O que importa agora não é a qualidade da obra e sim sua utilidade para os estudos literários. Se contempla um segmento temático, serve. Do contrário, está descartada a leitura. Será válido o extremismo? Os cânones morreram? Terão sido resultado da egolatria de um punhado de doutores?

É certo que antologias se assemelham às roletas. Não menos verdadeiro que seleções incluem ou excluem autores com uma enorme dose de alvedrio. Também reconhecemos que os apagamentos históricos de autores e autoras deram-se em razão de posições sociais, intelectuais e políticas. Ninguém é ingênuo a ponto de acreditar na isenção da crítica. Só se inventassem uma máquina de avaliar livros e, nem assim, haveria imparcialidade porque o resultado iria variar conforme os programadores. E então? Os altares serão desmontados? As igrejinhas vão arder? Os santos serão alijados de seus nichos? Resumindo a provocação: será pecado dizer que uma obra é superior à outra? Viveremos uma "criticofobia" contemporânea, destronada pela coordenação de outros saberes. Não será este um processo de terceirização da crítica em favor da antropologia, da sociologia e da filosofia? Sim, porque passou a ser comum criticar não só o autor, mas a crítica e o crítico no contemporâneo divã das relativizações.

Parece-nos curioso o sistemático ataque aos cânones. Sim, curiosa tendência. Não só por essa crítica cheirar à reserva de mercado, não só por proteger bairrismos, mas sobretudo porque a destruição dos cânones passados presta-se para forjar outros cânones. Opera-se uma substituição com a mesma natureza questionada: política, eletiva, arbitrária e afetiva. Noutras palavras: descobre-se um santo para cobrir outro. Os estudos de autores periféricos não costumam canonizá-los, mas antes consagram os egocêntricos estudiosos. Alguns críticos assenhoram-se tanto de autores, de temas ou de segmentos literários que, para destacarem-se, sucumbem à vitimização e às lamúrias. Nessa encruzilhada de caminhos diversos com esquinas iguais, tudo indica que mais vale ser honesto na crítica e afirmar, de antemão, os critérios que serão utilizados. Basta isso: honestidade intelectual. O resto é chororô.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 6
ANO 1
SETEMBRO/2019

EDITORIAL

Agostinho Carrara, personagem da extinta série "A Grande Família", é a metáfora da cafonice brasileira: afável, carinhoso, conciliador, é o picareta que sonha com a boa vida. A malemolência suburbana compõem esse saboroso personagem que nos comove na medida em que nos coloca diante do espelho. Nosso país onde tudo parece estar em construção e já é ruína, como canta Caetano, é também o país em que Mário de Andrade sentia-se um tupi tangendo um alaúde. Dessa mistura de passado e futuro, de clássico e barroco, de colonizador e colonizado, a despeito da terrível carga de preconceitos que foi legada, pode surgir algo inteiramente novo ou simplesmente nos condenar à bizarrice. O Brasil será o novo modelo civilizatório como pensavam Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro ou não passará de jeca-tatu de Monteiro Lobato?

Já foi moda a mistura de hábitos ingleses e franceses. Por incrível que pareça, nestes tristes trópicos, muita gente já tomou o chá das cinco de chapéu e sombrinha. Mulheres de luva e homens de *tweed* e chapéu de feltro. *Bonjour!* – cumprimentava quem tinha o mínimo *savoir-faire*. A afetação francesa atingiu uma boa parte das cidades, num pastiche de várias épocas e tendências. Se, no Rio de Janeiro, Pereira Passos imitava o Barão de Hassemer, na provinciana Cuiabá vivia-se uma *belle époque* particular com a ornamentação neoclássica de fontes, praças e novos prédios na virada do século XX. Pianos, violinos, porcelana inglesa, renda richelieu, ternos de linho, tudo isso compunha a identidade da nossa *high society*.

Na mesma época em que o Brasil construía miniaturas parisienses, na Praça Onze, o quintal de Tia Ciata pegava fogo. Hilária Batista de Almeida foi uma das muitas baianas que fugiram da terra natal por perseguição contra o candomblé. No Rio, acobertava no terreiro o candomblé e as rodas de bamba. Os frequentadores Donga, Sinhô, Marinheiro, João da Baiana, Pixinguinha, Almirante, após o culto dos orixás, aproveitavam os instrumentos de percussão e acabaram criando um ritmo novo – o samba! Genuinamente brasileiro, com certidão de nascimento no 78-RPM "Pelo Telefone" de 1917. Nas primeiras décadas do século XX, houve intensa repressão ao novo ritmo, ao candomblé, todas as manifestações negras dos primeiros favelados nos morros cariocas.

Em Cuiabá, mesmo no seio de uma sociedade profundamente híbrida, os ritmos populares, sobretudo os nascidos nas periferias da cidade ou aqueles oriundos da zona rural, não tinham espaço nos apertados salões da alta sociedade. O desenvolvimento urbano não incluía o rasqueado, a viola de cocho, o ganzá e o mocho. Era considerada "música do mato" como se falava até a década de 60 ou, talvez, uma excentricidade regionalista. Eventos oficiais eram animados pelo repertório praticado nos conservatórios: Bach, Mozart, Chopin, algumas árias de ópera e o canto orfeônico. Demorou quase 1 século para que o Muxirum, um movimento cultural nascido na última década do século XX, ousasse enfeitar de chita as mesas dos eventos animados ao som do bom e velho rasqueado, no interior dos tradicionais casarões cuiabanos.

Nós ainda somos índios tangendo um alaúde? O caldo cultural no qual estamos imersos ainda não engrossou o suficiente? Ainda seremos luso-americanos, brasilianos, brasilienses? Ou podemos nos chamar de brasileiros? Acaso não nos sentiremos todos "Augustinho Carrara", deslocados num mundo de grifes? A turma da Revista Literária Pixé não vai responder. Seguirá o conselho de Leminski quando dizia: repara bem no que não digo. Não temos compromisso doutrinário. Essa publicação não é cartilha! Somos da turma de Chacrinha que proclamava, entre mandiocas e abacaxis – eu não vim pra explicar, eu vim pra confundir! O leitor mais atento saberá entender o nosso carnaval e nele sambar até o dia clarear.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO I
SETEMBRO/2019
100 ANOS DE JOÃO ANTONIO NETO

EDITORIAL

Pixé de novo! Não é nenhuma invenção esta revista literária, mais uma de centenas que o Brasil viu nascer e morrer. Costumam trombetear manifestos, reivindicando inovação. Afinal de contas, bom cabrito é o que mais berra, não é mesmo? Na Pixé, contudo, a gente não quer gritar. Pensamos que o sussurro funciona muito mais. Talvez seja essa a diferença: a regularidade e, modéstia à parte, a consistência. Autopropaganda? Claro! Por que não? Afinal de contas, faça chuva ou faça sol, parimos uma edição. É dureza reunir todos os meses mais de três dezenas de escritores e um grande artista para encantar os leitores.

O poeta modernista João Antonio Neto lançou recentemente um dicionário amoroso de palavras, ressignificando surrados verbetes. Daquele cipoal semântico buscamos o que um homem de 100 anos de idade entende por novidade. "Caduco reintroduzido" – eis a definição. Estará errado? É claro que não. No afã de vanguarda, gerações de escritores abjuraram estilos, cuspiram nas cruzes da estética, recusaram influências literárias. Em resumo: negaram o passado três vezes antes de o galo cantar. Mais velhos, porém, esses mesmos iconoclastas desconversam e dizem que a paranoia da juventude foi a responsável pela pretensão de estar à frente do próprio tempo. Para quem viu muita coisa como é o caso de João Antonio Neto, a novidade não passa de um caduco redivivo.

O nosso escritor homenageado com esta edição foi moderno sem ser modernista. Em meio a um grosso caldo parnasiano, ousou o verso livre. Hoje parece pouco, mas não era fácil divergir dos emplumados rouxinóis da época. Nas décadas de 30 e 40, a nova poesia que despontava sem a camisa de força dos versos alexandrinos era um gesto intelectual de rompimento. No fundo, os escritores acomodados com a tradição acreditavam que a liberdade baudelairiana era uma febre passageira, coisa de bárbaros. O poeta modernista era um viking literário: impetuoso, aventureiro e casca grossa. Mas seria o modernista realmente casca grossa?

José de Mesquita, do alto do olimpo acadêmico, torcia o nariz para o modernismo e, claro, para a moçada do verso livre: "De vez em quando, um grupo de 'novos', com tendências iconoclastas, surge de tacape e bodoque, procurando revolucionar os moldes e formas de expressão, mata o soneto pela centésima vez e tenta liquidar os que não lhes acompanham os ardores e verduras da mocidade...". Felizmente, João Antonio Neto e outros tantos trogloditas da poesia derrubaram o estilo grandiloquente dos Golias empoados. Ninguém pense, contudo, que o nosso centenário homenageado tenha precisado de tacape e bodoque. Preferiu o caminho sereno da discreta divergência e, como já dissemos, foi moderno sem ser modernista. Trouxe a novidade sem ser novidadeiro. Contrariou sem romper.

Além do mais, João Antonio Neto fundou e contribuiu com várias publicações modernistas, em meio à tradição passadista da literatura encomiástica, da crônica memorialista, do academicismo redundante. Foi ele quem primeiro desencavou os méritos do inquieto Lobivar Matos, corajoso poeta que denunciava a preguiça intelectual dos "sapos da academia", além de registrar a trajetória dos jovens Gervásio Leite, Rubens de Mendonça e JB Martins de Melo, unidos em prol da Revista Pindorama em 1939. Lançou a Ganga em 1951 e atravessou o tempo inspirando os irreverentes jovens do Caximir com poemas impressos no Saco de Gatos, toalha poética que alegrava as mesas dos botecos do "Baixo Coxipó".

Por tudo isso, dedicamos esta edição integralmente ao sempre jovial João Antonio Neto, o homem que não romantiza o passado, não se desencanta com o presente e não se ilude com o futuro. São raras as ocasiões nas quais encontramos escritores que escapam às armadilhas do idealismo. Enquanto muita gente bate a cabeça contra ou a favor do progresso, João Antonio Neto ri do tempo para vencê-lo.

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 7
ANO 1
OUTUBRO/2019

EDITORIAL

Parece que o brado antropofágico de Oswald de Andrade não foi forte o suficiente para acabar com a literatura de salão, essa viscosa sensaboria que emula o passado. Os escritores menores, incapazes de inovar e parir uma obra de fôlego, sobrevivem da memória alheia e de macaquear o que os outros fizeram. O prestígio da tradição é manipulado sem cerimônia a fim de chancelar a obra presente. Como se identificam tais tipos? Elementar! Antes de abrir um livro ruim, é possível sabê-lo com dois dedos de prosa com o escritor. No papo, é possível ouvir as máximas da mediocridade: a literatura tem a função de... aí está a chave, ou melhor, o chavão. A frase será sempre completada com algum clichê. Em geral, a arte é usada como justificativa para alguma coisa – da mais pueril noção de beleza à tormentosa revolução social. Não importa qual seja a pauta que queiram empurrar goela abaixo da literatura, interessa apenas que um escritor ruim terá sempre uma boa justificativa para escrever mal.

Queremos dar o caminho das pedras. Um curso rápido para descobrir esses fanfarrões. Basta seguir as pistas deixadas aqui e ali. Acontece em todas as profissões: o enorme anel de rubi na mão direita do jurista, o estetoscópio enrolado no pescoço do médico, o capacete que abafa a cabeça do engenheiro, a constelação de estrelas nos ombros dos militares, enfim, o arsenal simbólico da autoridade. Pois são justamente os piores a exigir silêncio e reverência – "me chame de doutor" – pedem aos cerimoniais. É que, à míngua de talento, o argumento de autoridade é invocado como compensação. Por isso, os símbolos são tão caros ao escritor medíocre. Nas apresentações, o sapo apresenta um curriculum enorme, tão grande quanto desimportante. Repare bem: os adereços curriculares pesam nas orelhas dos livros. Medalhas e distinções de toda a ordem adornam a obra medíocre porque o suporte simbólico é indispensável para granjear algum respeito. Quanto mais curriculum, menos talento. É batata!

No mais das vezes, é comum encontrar – logo abaixo do nome do escritor – a que instituição pertence. Eis aí o suprassumo da mediocridade. O sequestrador de símbolos chega a gritar – "Hei! Olhem pra mim! Faço parte dessa entidade. Portanto, devo ser respeitado". O leitor atento e o crítico experimentado conseguem sacar esse botox editorial para turbinar um livro. A edição fica siliconada com apresentações, prefácios e posfácios, mas não engana ninguém. E não adianta mendigar comentários favoráveis – quem pauta o fazer artístico no moralismo ou no utilitarismo usa-se da justificativa ideológica para autoproclamar-se escritor. Os sapos de sempre continuam nas lagoas acadêmicas repetindo o monótono coaxar – Sou poeta! Sou poeta! Sou poeta! Não, caros leitores, a poesia nunca foi a praia dessa saparia.

É por isso que Oswald errou redondamente ao acreditar que o parnasianismo havia morrido com a Semana de 22. Ao contrário do que pensava o autor de Serafim Ponte Grande, o velho time das *les belles letres* sobrevive do prestígio institucional que confere entidades literárias certificadoras. Pelos salões abarrotados de vazio, saraus de poemas desimportantes são organizados ao som do mal executado Chopin com a triste Waltz Op. 69. Não há ninguém ali que não seja espectro literário passado. Adeus! – é o que prometem os sapos a cada encontro. Mas persistem os rebuscados anfíbios a coaxar de uns para outros citações antigas e sem sentido, fazendo questão de exibir menções honrosas em colunas sociais. Até quando conviveremos com literatos sem livros? Até quando as letras carecerão de literatura? Até quando bula de remédio e manual previdenciário serão tomadas por literatura? Não há de ser nada. Cada edição da Revista Pixé vem temperada com sal a gosto. Os sapos que se cuidem!

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO I
OUTUBRO/2019
LITERATURA E PERIFERIA

EDITORIAL

É proibido proibir – eis a regra da contracultura que, de alguma forma, tornou-se cultura. A literatura é um eterno bolero entre o ser e o dever-ser. No salão, uns escritores dançam mais pra lá e outros, mais pra cá. Alguns acreditam que a literatura deva refletir a realidade e outros que a literatura deva transformá-la. Alguém está certo? Claro, todos estão. Os críticos acertam na mesma medida em que erram. A literatura não deve nada a ninguém. Não há pauta para a arte, nem muito menos cartilha a ser obedecida. O que há são escolhas que não são necessariamente boas ou más. São apenas opções que se provarão mais ou menos longevas, influentes e consistentes. Importante dizer claramente qual a tendência preferida pela Revista Pixé e deixar que o tempo seja nosso juiz e verdugo.

A escolha editorial desta e das outras edições é privilegiar a literatura e a arte. Qual literatura? A literatura, ora! Importa mais outras questões: quais autores?, qual estética?, qual temática? Isso tudo diz respeito à nossa identidade ou, pelo menos, à identidade que queremos ter. Nessa edição, convidamos Fábio Roberto Ferreira Barreto e Márcio Vidal para fazer a curadoria dos textos. No nosso breve encontro na USP, pedimos aos dois estudiosos – queremos publicar escritores da periferia. Mas que periferia? – perguntariam os leitores. De todas as periferias – respondemos de pronto. Periferia é o lugar onde nos colocam e onde nos colocamos. Periferia não é o oposto do centro, os polos apenas estão longe. Juntos – margem e centro – compõem o todo. Não raras as vezes em que alternam-se de posição no universo artístico.

Há periferias em pleno centro. Na melhor classe da escola mais prestigiada, não existem os que preferem sentar no fundo da sala? Há periferias na maior cidade do país, no maior país do mundo e, talvez, seja a Terra outra uma periferia no universo. A periferia é contexto, mas é também opção.

A pobreza sempre será periférica, embora majoritária no Brasil. Isso é estrutural, diz respeito ao acesso das pessoas aos meios de produção e de informação. Entretanto, a periferia também é uma postura conceitual, uma opção consciente: ser maldito entre os benditos, ser minoria frente à maioria, ser divergente em meio aos consensos. Pensar de forma inovadora constitui as periferias eletivas, enquanto os cânones estão inevitavelmente no centro.

Algo contra os cânones? De forma alguma. São eles quem inspiram o desafio, inclusive. Até mesmo eles – os autores canonizados – quase sempre já foram periferia em algum momento da vida. Não foi Cervantes a debochar da literatura de cavalaria? Não foi Shakespeare a satirizar a sociedade elizabetana? Não foi Joyce a confrontar a literatura de salão? Não foi Machado de Assis a caricaturar da burguesia tupiniquim? A divergência, a ruptura, o desafio e a ironia são sempre manifestações periféricas. É preciso haver quem dê voz ao novo e, para isso, colocamos a Revista Literária Pixé à disposição de autores nunca publicados ou de escritores experientes que estão muito longe dos lobbys editoriais.

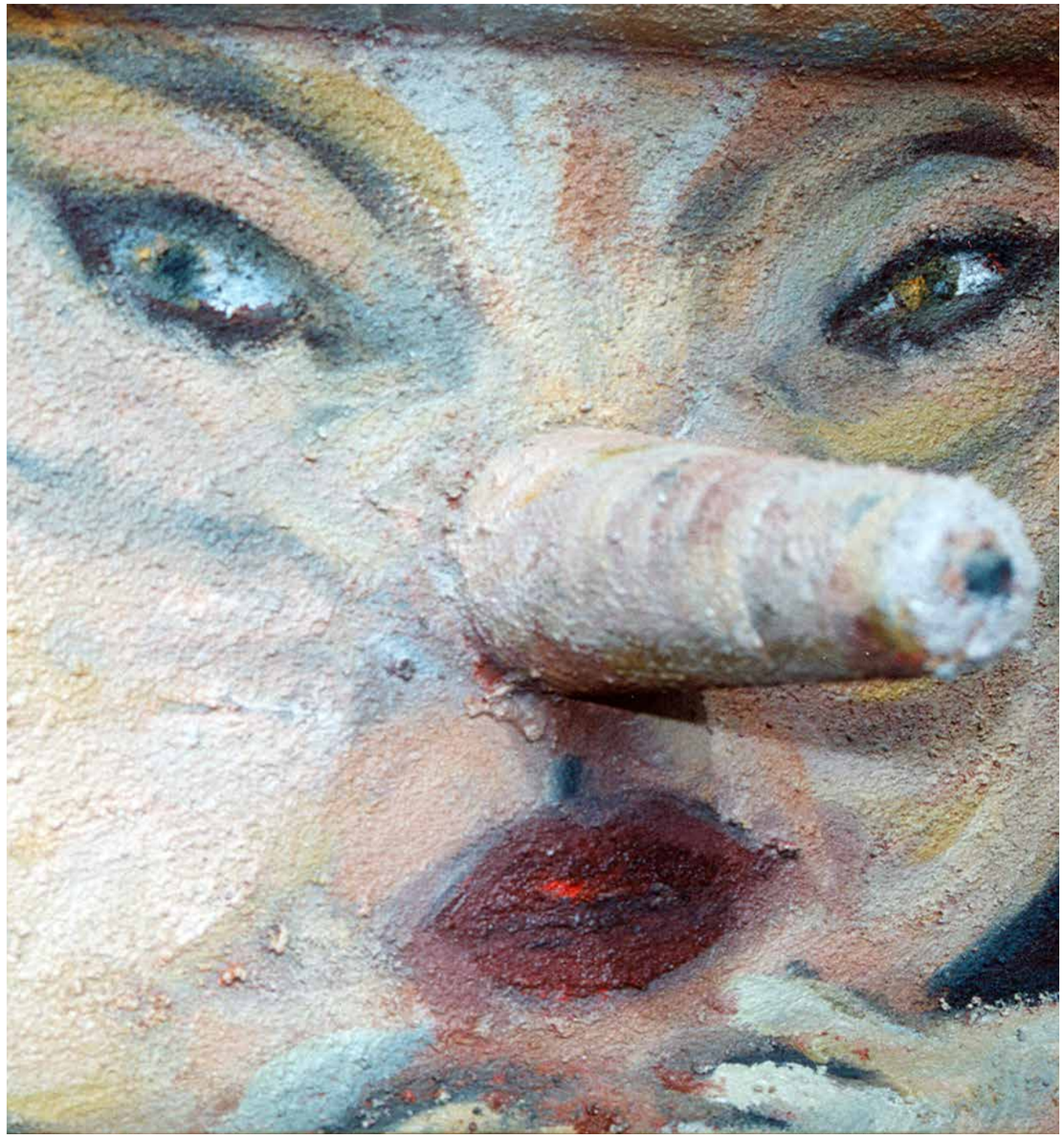
Formaremos um novo cânone? Não é esse o nosso objetivo, nem almejamos nós substituir o centro. Entendemos que nesse nosso mundo tão diverso é preciso haver vários centros e várias periferias que dialoguem entre si. Não temos bola de cristal para saber o que o futuro nos reserva. Por enquanto, queremos apenas existir e defender a nossa forma de ser e de escrever. Preservamos a nossa diversidade sem que, para isso, outras espécimes estejam ameaçadas. É bem verdade que, no grande bolero da arte, todos nós dançamos de um jeito. Os ritmos mudam com o tempo, as modas se sucedem, mas a verdade é uma só: Quer dançar? Não acredite em nenhuma academia. Elas só ensinam ritmos já conhecidos. Saiba que nem sempre são dois pra lá, dois pra cá.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 8
ANO 1
NOVEMBRO/2019



EDITORIAL

Calcem suas botas porque vamos entrar no brejo! A Revista Pixé deste mês é dedicada integralmente ao estudo de uma curiosa espécie de anfíbio letrado. Não se trata de um pântano qualquer, mas do alagadiço literário onde coaxam os sapos que metiam medo no cururu de Manuel Bandeira. Da tenaz fauna estética que teima em resistir nas letras nacionais, já foram classificados os mais variados bichos: sapo crítico, sapo músico, sapo alexandrino e, talvez, a mais feroz de todas as espécies – o sapo togado. Essa gama interminável de sapos vaidosos coaxa nas lagoas acadêmicas de todo o país, evitando a todo custo sair ao sol. Não se tem notícia de brejo que tenha superado a infestação. Pelo contrário: pelo que se vê nas livrarias, a praga vai aumentar.

Nos antigos salões mal arejados, o mofo estilístico atrai as inocentes moscas, curiosas mariposas e os incautos pirilampos para o banquete da saparia. O que querem? O público pensa que verá uma apresentação literária, algo que os inspire a ler e refletir. Qual o quê! Desprevenida, a plateia é alvo do ronco retórico, um veneno usado para anestesiar suas vítimas. Os sapos acadêmicos sacam da língua a gosma erudita que impele os convidados ao sarau anfíbio. Aqui e ali, a fala empostada vomita um caco latino para impressionar o público, entorpecido nesse brejo iluminado. Por mais que ronquem alto e grave, sapeando o profundo sentido do belo, do ético, do cívico e outros moralismos, nem o beijo das musas os transformará em príncipes. Uma vez sapo, sempre sapo.

Mas segurem-se que os sapos pulam! É preciso ter muito cuidado com eles. Quando estão acuados, saem da pachorrenta inatividade para reiterar os velhos catecismos. Recomendamos manter distância. Do contrário, começam a exibir títulos, medalhas, comendas, menções honrosas e, talvez, troféus. Sem dar chance ao caçador, passam a falar de si, dos cargos que ocuparam, das celebridades com as quais fingem intimidade, dos livros que escreveram, das matérias de jornais e das colunas sociais. O sapo é um bicho enganoso: sem livro, se diz escritor e, sem poesia, se diz poeta. As letras do sapo, em resumo, não são literatura. Não desconhecemos que todas as formas de escrita são importantes: a científica, a jurídica, a médica, a jornalística, a historiográfica, enfim, a infinidade de expressões humanas que envolvem a palavra são relevantes. Mas não são literatura e ponto final.

Não sirva esse editorial de manifesto. Longe disso! De forma alguma pretendemos inaugurar uma nova estética. Já foi o tempo das paranoias vanguardistas. Talvez, no máximo, almejemos a uma nova mentalidade sobre o que já temos. Vejamos o bê-á-bá do nosso raciocínio: se para ser diretor clínico de um hospital é preciso ser médico, se para presidir um tribunal é preciso ser jurista, se para desenhar um projeto de uma casa é preciso ser arquiteto, se para receber santo é preciso ser médium, nada mais natural do que esperar escritores nas academias de letras do país. É o locus próprio do ficcionista e do poeta. Não sendo assim, as academias hão de permanecer ensimesmadas e pouco legitimadas a representar a literatura como já acontece na maioria dos Estados brasileiros.

O que esperamos ao visitar uma academia: uma palestra de direito previdenciário ou um debate sobre poesia?, um colóquio sobre cirurgia óptica ou uma apresentação de romances?, uma exposição sobre paleontologia ou um comentário sobre contos? Esse debate já foi travado na Academia Brasileira de Letras que continuou aceitando estranhos à literatura e, por isso, é sempre criticada pela ala machadiana até que sofreu com a renúncia de Érico Veríssimo da secretaria-geral. Graça Aranha bateu-se sozinho em favor dos amigos modernistas. Adiantou? Não. Os sapos imortais são surdos. Continuam com os arranjos que desmobilizam e enfraquecem a literatura, em favor do compadrio. Freud explica o doentio ritual do beija-mão do qual necessitam para massagear o ego. Talvez seja demais esperar a reforma nos brejos iluminados. Em todo o caso, continuamos resistindo à falácia de que literatura é o conjunto de todas as letras. Não é e não será. Literatura é arte. Por isso, um viva a Manuel Bandeira, o nosso cururu maior!

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 9
ANO 1
DEZEMBRO/2019

EDITORIAL

Um fantasma ronda a literatura. Como qualquer outro, o fantasma é passado e não existe. Ainda assim, ocupa um espaço enorme no imaginário literário, assombrando principalmente os críticos. O fantasma do engajamento político é, entre tantos outros rótulos, uma redução empobrecedora na compreensão da arte em geral e da literatura, em particular. Julga-se a obra pela biografia do autor, subordinando o livro à temática política do momento. Há séculos, a arte libertou-se da funcionalidade religiosa, mas é constantemente assediada para subordiná-la à política e a um rol de temas prosaicos e socialmente comprometidos. Por isso, a liberdade da arte está ameaçada. Infelizmente, há estudiosos que insistem em encontrar uma "serventia" para a literatura. Surgem os guetos críticos contemporâneos: negros, gays, mulheres, pobres – pedágios temáticos que se impõe para o reconhecimento.

O autor não é engajado? Não luta contra a desigualdade social? Não se manifesta politicamente? Então, não é um bom escritor. Esse tipo pueril de crítica já fustigou Paul Klee e o grupo Kobra, fez vítimas nas diversas gerações de escritores, incluindo o olhar desconfiado sobre a obra de Tarsila do Amaral. Muitos escritores sofrem com esse tipo de patrulha: de Monteiro Lobato a Manoel de Barros, são criticados pelo que "deveriam ter escrito" e pela forma de escrever ou pelo que efetivamente escreveram. O artista visual desta edição da Revista Pixé – Victor Arruda – é um bom exemplo do ecletismo libertador. Muitas outras vozes se confundem na singularidade de Arruda – Picasso, Schiller, Duf, Saul, Apell, além do grafite de Basquiat, hoje em dia reconhecido como sofisticada expressão artística.

Reconhecer essa influência não faz de Victor Arruda um artista menor. Ao contrário: ao dominar tantas e tão variadas referências, Arruda domina a técnica, mas pretende fugir dela. Se atinge ou não um objetivo político em sua arte, isso pouco importa. O artista, ao compreender a diferença entre o moderno e o contemporâneo, propõe uma arte sem a estruturação científica tradicional, uma expressão que escape ao racionalismo moderno. A emoção é a tônica, um pecado mortal para os críticos engajados que pretendem uma arte igualmente engajada. Mesmo sabendo que a arte pode (e deve) ser abordada pela psicanálise, sociologia, antropologia e outros campos do conhecimento humano, não será a lógica que pautará o intuitivo. Essa escolha pelo rompimento define a arte, mas não a livra dos velhos espíritos historicistas que estão incorporados em alguns intelectuais da atualidade.

O fantasma ideológico sobrevive do preconceito reverso. Os estudiosos abrem mão do julgamento estético para dar lugar à leniência crítica em razão da temática. O texto não é bom ou mau. A obra não é consistente ou fraca. Desparecem escalas e comparações. A literatura resumiu-se apenas em ser útil ou inútil a uma determinada abordagem. Se o autor trata dos dramas relacionados ao determinado nicho de interesse, será ele festejado como socialmente compromissado, ao largo de qualquer apreciação estética. O contrário também se dá: se o escritor não abordar problemas afetos aos guetos temáticos, será expurgado como politicamente alienado. Portanto, a arte resumiu-se a ser valorada do ponto de vista político, como um reflexo da sociedade, com a finalidade de expor e discutir questões sociais para transformá-las.

O que passou a ser valorizado não é a estratégia autoral em tecer uma narrativa, evocando imagens fortes, dialogando com a tradição, propondo novas formas estéticas. Literatura passou a ser um grito de guerra, uma palavra de ordem, um instrumento revolucionário ou semirreligioso de salvação. Quanto equívoco! Aqui na Pixé todos falam e falam de tudo. A revista é legada a olhos sem antolhos, na esperança de que não se resuma a um mero panfleto. Arte não é um ofício. Arte é artifício!

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 1
DEZEMBRO/2019
MULHERIO DAS LETRAS

EDITORIAL

Haverá uma "literatura feminina"? Uma literatura que expresse essencialmente a identidade da mulher? Não creio. Os adjetivos reducionistas que pretendem o contraponto sexista não cabem na expressão artística que, como sabemos, é tão libertária que o escritor "finge que é dor a dor que deveras sente", como eternizou Fernando Pessoa. A mensagem autopsicografada de Pessoa, ele mesmo pai e mãe de tantas outras personalidades, resumiu bem a questão: a arte é criação e, justamente por isso, não é possível enxergá-la com as mesmas lentes de outros saberes ou considerá-la um simples reflexo da realidade social, dos meios de produção, ou de qualquer outro contexto histórico. Tudo é passível de mensuração e reflexão, mas a arte nunca caberá em uma única moldura teórica.

Proponho um jogo. Um desses testes às cegas que se fazem com vinhos. Risquemos a autoria dos livros que serão objeto da brincadeira. Tomemos Romeu e Julieta de Shakespeare e entreguemos a um grupo de leitores. Façamos o mesmo com Madame Bovary de Flaubert, Anna Karenina de Tolstói, Lolita de Nabokov e Trópico de Câncer de Henry Miller. Num outro grupo, coloquemos Orlando de Virgínia Wolf, Jane Eyre de Charlote Brontë, Orgulho e Preconceito de Jane Austen. Será que o primeiro grupo identificará uma "literatura masculina" e o segundo irá perceber uma "literatura feminina". E se misturarmos os livros? Alguém verá a diferença no tipo de escrita? Algum leitor terá percebido, na primeira edição apócrifa de Frankenstein que foi uma mulher a autora? O que dizer dos sertões criados por Raquel de Queiroz? Cecília Meireles, Hilda Hilst, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon são reconhecidas pela "escrita feminina" ou pela inegável qualidade estética?

O Quarto de Despejo de Carolina de Jesus não poderá ter sido escrito por um homem? Ou o Pornopoéia de Marcelo Mirisola seria masculino em demasia? Talvez Bernardo Kucinski tenha roubado o "local de fala" da mulher em K: Relato de uma Busca, Gabriel Garcia Marques com O Amor no Tempo do Cólera. Terá sido machista Eça de Queiróz com a sua Amélia? E Machado de Assis com a eterna dúvida sobre a honra de Capitu? São perguntas sem nenhum sentido. Problematizar a arte nesses termos é empobrecê-la. O certo é constatar a realidade nua e crua – o milenar machismo castrou as mulheres literal e metaforicamente. É preciso oportunizar espaços com a mesma dignidade com a qual os homens são costumeiramente tratados. Para isso, nada melhor do que publicar mulheres, premiar mulheres, homenagear mulheres, torná-las visíveis ao público leitor. Essa é uma política afirmativa que visa uma obviedade: mostrar que somos iguais.

Equalizar espaços de representação não significa promover preconceito às avessas, nem tampouco afirmar que é maior ou menor, melhor ou pior, mais ou menos consistente a literatura produzida por mulheres. Acredito, aliás, que ao qualificar de "feminina" a expressão artística, inevitavelmente o rótulo reduzirá a dimensão da obra. Wolf foi grande pelo que produziu e também por ser mulher, da mesma forma que Shelley, Austen, Atwood. Contudo, ainda que tenha sido admirável a coragem dessas escritoras, é pela qualidade estética que são e serão reconhecidas. Esse é o maior elogio que se pode fazer: reconhecê-las. Pontificamos hoje e sempre, mesmo em uma realidade profundamente machista que submete, subordina e extermina física e psicologicamente mulheres em todo o mundo, que elas conseguem ombrear-se de igual para igual. O que falta, em resumo, é oportunidade. Por isso, essa edição especial da Revista Literária Pixé é integralmente dedicada a elas.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 10
ANO 2
JANEIRO/2020

EDITORIAL

Vamos falar francamente? – a pergunta é a pior forma de abordar um escritor. A literatura não fala de nada com sinceridade. Nem tem o compromisso de retratar com fidelidade nenhum fato por mais prosaico que seja. Já foi o tempo em que se buscava a fidedignidade na pintura, na escultura, na fotografia. Que se digam realistas. Mesmo eles não tratam da realidade sem simulação. Aliás, o ultrarrealismo contemporâneo é uma blague à obsessão de gerações anteriores cujo afã era congelar um instante, uma paisagem ou perfil humano. Não é por outra razão que o moderno surrealismo subverte a lógica positiva que se desdobrou do racionalismo radical. No fundo, fôssemos racionais não nos mataríamos com tanta naturalidade.

Se é certo que a arte superou a pauta documental pela qual esperava-se dela uma mera reprodução da realidade, por que buscar o verossímil no texto literário? Por que os críticos insistem em decompor a obra em tantas partes quanto possíveis, fissurando palavras como átomos? Por que os estudiosos querem bancar os legistas do romance?, os taxidermistas da poesia? Não seria melhor tratar a arte como arte e manter a estranheza que a caracteriza? Não seria mais lógico pensar nas reações do/no leitor como efeitos da estratégia do texto? Talvez mais gente se dedicasse à arte se, na escola, não fosse questionada com tanta dureza – o que você entendeu?, o que o texto revela?, qual a sua conclusão? Por que os professores não trocam todas essas perguntas para a que mais interessa – o que você sentiu?

O entendimento da arte é a frustração do sentimento. Racionalizar a expressão artística impõe léguas de distanciamento com o público, reservando uma espécie de sala vip para os críticos. Se abdicássemos do velho cartesianismo que impôs uma camisa de força na universidade, talvez sobrasse mais tempo para encontrar outra linguagem capaz de tratar da fruição literária. No entanto, faz parte de uma cruel ortopedia acadêmica a necessidade de encontrar referenciais teóricos. Permite-se analisar por vários ângulos – o estruturalista, o mitológico, o psicológico, o historicista etc – desde de que o crítico responda aos clichês: quais as referências do autor?, o que acrescenta à tradição?, quais as técnicas utilizadas?, e tantas outras que compõem esse formulário criptografado.

Na edição atual da Revista Literária Pixé, temos um artista que pinta flores. Só pinta flores. Flores e mais flores, de todos os formatos, em todos os matizes. Serão realmente flores? O que elas significam? Não vamos ceder à tentação de racionalizar o impacto do traço moderno de Oscar Araripe. Poderíamos levar o leitor a considerar um paralelo técnico com Matisse ou a provocação de Mondrian, o que não iria contribuir em nada para o prazer da obra. É no gozo que devemos nos concentrar, não na pretensão de verdade ou na racionalização que elitiza o meio cultural. O mais recomendado seria perceber a arte como comunhão tribal: artistas que se aglutinam em torno de uma proposta estética e público que se espanta, rejeita ou admira.

A literatura anda chata. A explicitação de referências é uma tendência insuportavelmente pedante. Quanto mais explícito fica a intenção do escritor, pior é o texto. Reduz-se o que é artístico ao puramente racional, sujeitando o artista a denunciar o seu lugar no jogo de esconde-esconde. Que porre! A revelação da mágica torna o espetáculo tedioso, pronto para uma análise técnica. A menos que, da revelação, surja outra mágica, outra estranheza parcialmente inexplicável. Estamos nesse caminho? É difícil afirmar. Por enquanto, a preocupação contemporânea com questões distantes do prazer é a tônica da literatura. Pode ser que, algum dia, haja prazer no desprazer. Até alcançarmos a estética e a técnica para ocultar o que está revelado, esse tipo de arte não passa de um púlpito. Um chato e arrogante púlpito.

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
JANEIRO/2020
LUCINDA PERSONA: 25 ANOS DE POESIA

EDITORIAL

Diante da velocidade com que a arte contemporânea é demandada, observar a produção de uma poeta voltada para um conjunto temático nuclear não deixa de ser uma surpresa. Lucinda Persona, escritora mato-grossense, manteve-se distante do experimentalismo que fustigou seu tempo, o concretismo, o intensivismo, a limpeza da página e a performance não verbal. Preferiu, ao contrário, perfilar-se na resistência oposta por Sophia de Mello Breyner Andersen e Orides Fontela. O esforço literário de Persona não se concentrou nas experiências com a forma e sim noutro cariz: a reafirmação da autonomia da arte por meio da apropriação simbólica do corriqueiro e das ciências biológicas das quais é egressa.

A fuga dos temas clássicos ocorreu em fins do século XIX. Talvez Baudelaire tenha dado origem ao *big bang* conceitual que desatrelou a arte dos antigos compromissos, seja estéticos, seja temáticos. Tudo serve à arte, mas a arte se mantem independente do utilitarismo. Essa foi a chave do modernismo e quem não o entende escreve, ainda hoje, para agradar os mortos. A partir de Baudelaire (e também de Mallarmé), não houve outro caminho a não ser inaugurar uma sucessão de transformações que, de vanguarda em vanguarda, criou uma ambivalente tradição de rupturas. Daí que os leitores têm a mesma surpresa com as guinadas de Oswald de Andrade e também com o texto imune à ansiedade vanguardista, opção estética da nossa homenageada.

Mesmo gravitando em torno do núcleo com o qual pautou a poesia, Persona alinha-se ao novo. Como mencionado, ao subordinar o quotidiano para ressignificar a temática atemporal (morte, vida, amor, perda), a obra da escritora está imersa no caldo modernista. Quem melhor mapeou assuntos e significados da poesia de Lucinda foi a estudiosa Marta Cocco. O viés utilizado na tese de doutoramento foi o da mitocrítica a buscar o paralelo entre as imagens criadas por Lucinda Persona a partir de elementos prosaicos com antigas raízes simbólicas que se relacionam aos mitos fundacionais da civilização ocidental. A lupa da pesquisadora comprovou a obsessiva estratégia da escritora: antropomorfização de insetos, exploração de fatos quotidianos, projeção simbólica nos alimentos, marcação temporal na transformação do corpo.

O mérito da obra de Lucinda Persona extravasa esse rol temático. É preciso enxergar o movimento artístico de forma ampla, contextualizando-o no diálogo que faz com a tradição literária atual e precedente. Ao escrever, Persona acredita que "tudo é matéria prima", isto é, não vê limite na apropriação artística. Aí sim reside a filiação da escritora ao vigoroso tronco da modernidade. Besouros, formigas, fuligem na janela, um pé de couve e a sopa de legumes compõem o rompimento com o mero figurativo. Ao se apropriar do prosaico, a escritora sublinha a importância da poesia como ente autônomo. É arte pela arte, uma tendência tão consagrada quanto criticada no mundo contemporâneo. De um lado, os detratores apontam para o descompromisso político e, de outro, os admiradores ressaltam a valorização da arte independente.

Os poemas de Lucinda não estão a serviço da evocação, nem de lugar, nem de pessoas ou acontecimentos, aposta estética que assegurou a prevalência qualitativa na geração literária da qual faz parte. Mais curioso é que, para chegar ao desiderato, a escritora não flerta intensamente nem com a metapoesia (tão natural em Leminski e Salomão), nem com a crônica do trivial (própria de Drummond e Bandeira). Persona seguiu os passos dos modernistas, mas criou um arcabouço simbólico próprio. Para alguém que não entenda a envergadura literária da nossa homenageada, basta dizer que Lucinda Persona é uma escritora que luta pela arte em si. Nessa batalha, distinguem-se os melhores.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 11
ANO 2
FEVEREIRO/2020

EDITORIAL

Esse mês, a Revista Pixé circula novamente com dois números. Decidimos fazer um único editorial. Que os leitores não acreditem tratar-se de preguiça do Editor. A estratégia é deliberada. Selecionamos os artistas Waldomiro de Deus e Jéssica Traven. Ele, experiente artista popular baiano a ilustrar uma revista nascida no centro geodésico da América do Sul e ela, jovem cuiabana dedicada à aquarela, convidada para participar de uma edição especial de brasileiros que moram no exterior. O que isso significa? É o samba do crioulo doido? Como sabemos que nada surge sem propósito, temos muito o que dizer com a arte e com a literatura presente nesses números.

Ao completarmos nosso primeiro ano, a Revista Pixé não tem um programa estético definido. Não lançamos manifestos. A ausência de manifesto pode ser tomada como uma forma de programa, plataforma, manifesto. Estranho, não? As vanguardas modernas nos ensinaram alguma coisa: em todas as posturas que proclamam o novo, há uma semente autoritária. Essa obsessão pela superação do passado tornou-se paranoica. Até o limiar do século XXI, importante era negar, romper, desafiar. Inevitavelmente, os vanguardistas estabeleceram a sua própria cartilha estética, prontos para o ulterior desafio, uma espécie de autofagia psicótica. O que os jovens revolucionários não desconfiavam é que o conservadorismo é um instintivo de sobrevivência.

A Revista Pixé não tem pauta! O ecletismo é a força do contemporâneo e seremos significativos na medida em que nos solidarizamos com a diversidade. A eleição da obra de Waldomiro de Deus é uma das afirmações que buscamos. Por quê? A arte popular foi varrida pela erudição moderna, rejeitados nas galerias em grande parte do século passado. O naif foi acusado de não ter futuro, compromisso inovador, experimentação técnica, profissionalização artística. O artesanal passou a ser uma arte de segunda categoria, preterido pelas outras tendências, cada qual encastelada na arrogância de varrer a tradição para debaixo do tapete. É passado! – acusavam os autoproclamados modernistas. Curiosamente, o que há de mais atual é o artesanal na xilogravura, na litogravura e na *street art* do grafite.

Geração após geração, sucediam-se revoluções estéticas até se estabelecer uma tradição de vanguarda tão manjada quanto conservadora. Como deve se posicionar uma publicação contemporânea como a Pixé? Nossa única certeza é não ter ostentar nenhuma certeza. Essa postura não é dúbia, não é covarde, não é abstencionista. É apenas um modo de ver a realidade. O que nos importa mais é criar uma grande tribo do que pontificar um estilo único. Preservar a diversidade é assumir uma postura não-autoritária. Portanto, o experiente artista popular baiano tem o mesmo espaço da jovem artista cuiabana, uns escrevendo do centro e outros escrevendo de fora do país. Tampouco buscamos o que seja "a brasilidade" porque a imagem convergente, monolítica, idealizada de um só Brasil não nos ilude.

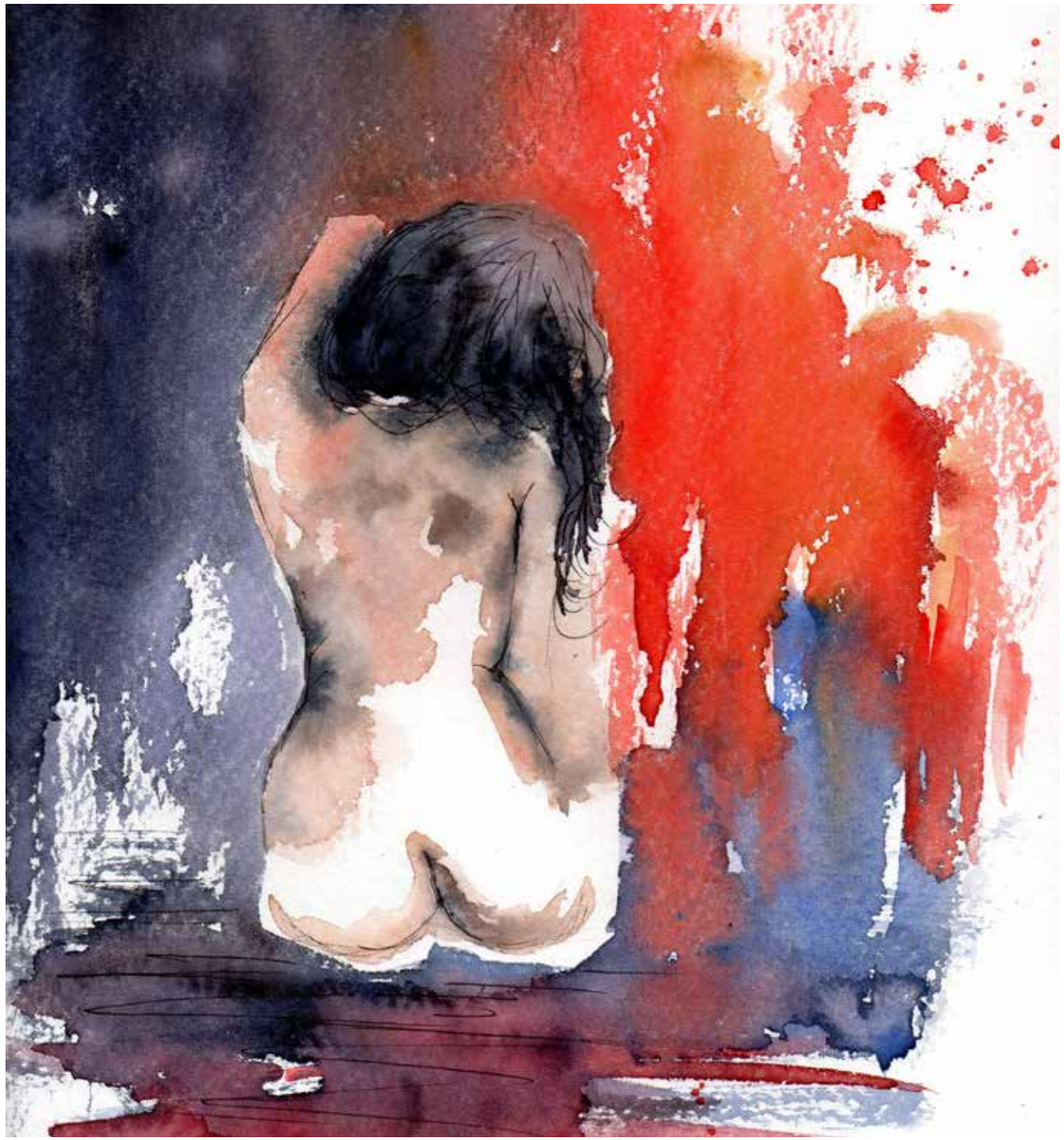
Quando escritores dizem que são "pós-modernos" não deixam de seguir a cartilha da modernidade a fim de estabelecer essa classificação: uma lógica linear e progressista de superação do passado pelo presente, pressionando o futuro com as mesmas paranoias de sempre. Somos pós-nada. Estamos vivos e mergulhados na essência humana mas num tempo circunstancial, onde as fronteiras viraram convenções e a realidade é suprarreal. Queremos as idiossincrasias de uma comunidade tribal, com índios, pajés e caciques, unidos em cerimônias de afetividade. A Revista Literária Pixé coloca-se dessa forma por saber que a ética da tribo: o passado não é pior do que o presente e que o futuro não será necessariamente melhor. Talvez seja esse o nosso manifesto. Talvez...

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
FEVEREIRO/2020
BRASILEIROS PELO MUNDO



EDITORIAL

Esse mês, a Revista Pixé circula novamente com dois números. Decidimos fazer um único editorial. Que os leitores não acreditem tratar-se de preguiça do Editor. A estratégia é deliberada. Selecionamos os artistas Waldomiro de Deus e Jéssica Traven. Ele, experiente artista popular baiano a ilustrar uma revista nascida no centro geodésico da América do Sul e ela, jovem cuiabana dedicada à aquarela, convidada para participar de uma edição especial de brasileiros que moram no exterior. O que isso significa? É o samba do crioulo doido? Como sabemos que nada surge sem propósito, temos muito o que dizer com a arte e com a literatura presente nesses números.

Ao completarmos nosso primeiro ano, a Revista Pixé não tem um programa estético definido. Não lançamos manifestos. A ausência de manifesto pode ser tomada como uma forma de programa, plataforma, manifesto. Estranho, não? As vanguardas modernas nos ensinaram alguma coisa: em todas as posturas que proclamam o novo, há uma semente autoritária. Essa obsessão pela superação do passado tornou-se paranoica. Até o limiar do século XXI, importante era negar, romper, desafiar. Inevitavelmente, os vanguardistas estabeleceram a sua própria cartilha estética, prontos para o ulterior desafio, uma espécie de autofagia psicótica. O que os jovens revolucionários não desconfiavam é que o conservadorismo é um instintivo de sobrevivência.

A Revista Pixé não tem pauta! O ecletismo é a força do contemporâneo e seremos significativos na medida em que nos solidarizamos com a diversidade. A eleição da obra de Waldomiro de Deus é uma das afirmações que buscamos. Por quê? A arte popular foi varrida pela erudição moderna, rejeitados nas galerias em grande parte do século passado. O naif foi acusado de não ter futuro, compromisso inovador, experimentação técnica, profissionalização artística. O artesanal passou a ser uma arte de segunda categoria, preterido pelas outras tendências, cada qual encastelada na arrogância de varrer a tradição para debaixo do tapete. É passado! – acusavam os autoproclamados modernistas. Curiosamente, o que há de mais atual é o artesanal na xilogravura, na litogravura e na *street art* do grafite.

Geração após geração, sucediam-se revoluções estéticas até se estabelecer uma tradição de vanguarda tão manjada quanto conservadora. Como deve se posicionar uma publicação contemporânea como a Pixé? Nossa única certeza é não ter ostentar nenhuma certeza. Essa postura não é dúbia, não é covarde, não é abstencionista. É apenas um modo de ver a realidade. O que nos importa mais é criar uma grande tribo do que pontificar um estilo único. Preservar a diversidade é assumir uma postura não-autoritária. Portanto, o experiente artista popular baiano tem o mesmo espaço da jovem artista cuiabana, uns escrevendo do centro e outros escrevendo de fora do país. Tampouco buscamos o que seja "a brasilidade" porque a imagem convergente, monolítica, idealizada de um só Brasil não nos ilude.

Quando escritores dizem que são "pós-modernos" não deixam de seguir a cartilha da modernidade a fim de estabelecer essa classificação: uma lógica linear e progressista de superação do passado pelo presente, pressionando o futuro com as mesmas paranoias de sempre. Somos pós-nada. Estamos vivos e mergulhados na essência humana mas num tempo circunstancial, onde as fronteiras viraram convenções e a realidade é suprarreal. Queremos as idiossincrasias de uma comunidade tribal, com índios, pajés e caciques, unidos em cerimônias de afetividade. A Revista Literária Pixé coloca-se dessa forma por saber que a ética da tribo: o passado não é pior do que o presente e que o futuro não será necessariamente melhor. Talvez seja esse o nosso manifesto. Talvez...

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 12
ANO 2
MARÇO/2020

EDITORIAL

Em que medida as fotografias de moradores de rua configuram o estatuto da arte contemporânea? Noutras palavras: a arte deve se engajar numa causa socialmente relevante? Poderíamos fazer a mesma pergunta quanto à literatura. Antes que possamos responder, vamos refletir sobre Os Miseráveis. Victor Hugo tornou-se cânone em razão do tema ou da estética? Fôssemos pensar somente em termos temáticos, poderíamos questionar a obra de Shakespeare ou de Balzac, o que seria lamentável. As ligações frugais de classes abastadas em Goethe, cenas patéticas da aristocracia em Lampedusa, idealizações sociais em Proust, tudo isso seria futilidade inútil para uma literatura comprometida com a emancipação do povo. Mas a arte deve seguir uma cartilha? O artista tem mesmo essa obrigação?

Os militantes que patrulham obras de arte com o termômetro do engajamento são os que mais rotulam. Pretendem impingir uma sanção àqueles que não se comprometem. Os divergentes são omissos e, portanto, estão excluídos do reconhecimento crítico. Acusam de omissão todo escritor que se negar a fazer da pauta esperada sua matéria-prima. Tal hiato temático é tomado não só como covardia. Trata-se de colaboração por omissão. O artista passa a ser responsável pela perpetuação da miséria, do preconceito, do autoritarismo. Mas há posição mais autoritária do que impor um ponto de vista? De forma alguma.

Os que não cedem à pressão do politicamente correto percebem com relativa facilidade que, em qualquer estilo literário, a obra não se constitui como uma mera reprodução. Há várias mediações entre o texto e a realidade entre as quais a estética do autor e a recepção do leitor são as mais importantes. As fotos de Leporo mostram o Brasil como é? Não. Mostram a sensibilidade particular de um grande artista que fez do tema social o seu ponto de partida para o esforço estético. Se, na fase seguinte, dedicar-se a fotografar as flores dos jardins paulistanos será menos competente? Não.

A questão nos faz voltar no tempo. Os girassóis de Van Gogh foram menos revolucionários do que os retirantes de Portinari? Os jardins multicores de Monet foram menos impactantes do que a guerra civil espanhola de Picasso? As praias da Polinésia fizeram de Gauguin um artista menor do que Rivera? E Klimt? Será ele pior porque pintava damas da sociedade com filigranas de ouro, enquanto Munch exprimia o desespero existencial? Degas terá menos mérito por pintar delicadas bailarinas do que Toulouse-Lautrec que pintou prostitutas e bêbados em cenas urbanas?

Basta uma visão mais ampla da história da arte para que essas patrulhas contemporâneas caiam no ridículo. Sabe-se que é pela estética que a arte se define. O fotógrafo Leporo não é bom porque fotografa moradores de rua, mas porque sabe como fazê-lo. Exprime o vazio da metrópole, a solidão em meio à multidão, mas não deixa de buscar a humanidade na situação mais extrema. Se mudasse o eixo temático, poderia fazer o mesmo num salão de chá da Oscar Freire. Por quê? Porque o artista busca o humano. E o humano não está no objeto observado e sim na forma de observar. Será difícil entender isso?

Vivemos tempos estranhos. Os que dizem "resistir" ao autoritarismo são autoritários. Rotulam, classificam, reduzem e excluem com a mesma facilidade daqueles contra quem desferem a crítica. Não querem discutir. Partem de conclusões e inviabilizam qualquer diálogo. A Revista Literária Pixé completa seu primeiro ano "resistindo à resistência". Publicamos surrealismo, aquarela, mendigos e jardins. Publicamos textos sobre a fome e sobre Paris. Acreditamos na diversidade, não naquela de um único ponto de vista estético e temático que, como é óbvio, não é diversidade. Respeitar e garantir a existência do outro significa manter a admiração pela arte sem manipular pressionar o artista. O único compromisso do artista é com a arte, revolução suficiente para o mundo que habita a alma de cada um de nós.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
MARÇO/2020
RUÍDO MANIFESTO

EDITORIAL

É possível cumprir o sonho do Paul Klee e esquecer todo o passado para produzir algo novo? Ou seremos condenados à eterna influência proposta por Harold Bloom? Nesta edição da Revista Pixé fazemos uma dupla provocação: de um lado, temos ilustrações de Paulo Della Nina evocando a radical independência estética onde as forma, cores e texturas são a própria razão da obra de arte; de outro, os novos escritores que compõe o coletivo virtual Ruído Manifesto. O que se manifesta, afinal? O ruído? A ruína? Ou será o próprio manifesto? Tudo indica que os elementos que compõem essa edição nos inclinam a concordar com Bloom: o pulso da modernidade é evidente. Contudo, não menos verdadeira é outra constatação: esse pulsar tem um ritmo diferente, muito provavelmente autocrítico. Ficou difícil? Vamos explicar tim-tim por tim-tim.

Era uma vez Mondrian, contaminado com o vírus da modernidade. Ele espirrou sobre Léger, Delaunay, Picasso, Weissmann e tantos outros. A doença agudizou com a Bauhaus, escola onde se ensinava o que o futuro deveria ser. Como não podia deixar de ser, o vírus espalhou-se para todo o mundo. No Brasil, o francês Le Corbusier espirrou sobre Lúcio Costa, Oscar Niemayer, Burle Marx que contaminaram artistas como Volpi, Lygia Clark, Athos Bulcão, Aluísio Carvão, Hélio Oiticica, Fernando Durão, Luiz Saciloto, Wlademir Dias-Pino. Todos esses modificaram o bacilo original de Malevitch que propunha uma forma científica de tratar a arte, expressada na mais abstrata geometria.

O sonho da ordem, do progresso, do futuro e da perfeição emprenhou sucessivas gerações de modernistas. Della Nina está irremediavelmente contaminado. Contudo, de Mondrian para cá, o vírus sofreu mutações genéticas para permitir uma espécie de autocrítica que fagocita o passado. Os resíduos da digestão moderna são a matéria prima de outros modernismos. No mais das vezes, o contemporâneo desafia o passado questionando a exatidão. Até mesmo no cânone geométrico. Ao confrontar o ideário da perfeição, os artistas contemporâneos reivindicam a estratégia cartesiana para zombar da proporção e da simetria. O que seria lógico torna-se absurdo, o que seria autoexplicável torna-se um enigma.

Nesses resíduos está Paulo Della Nina e o próprio Ruído Manifesto. É preciso cuidado para não tratar os ecos do passado como mimetismo. A reflexão sobre a técnica precedente é mais um exercício paródico do que propriamente uma cópia. É na ironia que se opera a desconstrução e a reconstrução da estética. Pode ser que a afronta ao passado não seja uma pauta central dessas novas expressões, mas a luta pela identidade própria sempre será o esforço do artista vivo. Se Della Nina distorce a forma, rasgando a exatidão linear, contorcendo a linha, espelhando a forma, os escritores provocam um ruído de estilhaço que se manifesta virtualmente.

Não é apenas um pastiche ou uma releitura qualquer, mas um deliberado canteiro de obras aberto no seio das obras prontas. O Ruído Manifesto cumpre a longa tradição de novidades que precisam ser alimentadas diariamente. É que a gula da modernidade nunca se sacia. O que fazemos nós, da Revista Pixé? Pedimos a eles que rumem em sentido oposto do que estavam acostumados para constituir uma antologia. Qualquer seleção pressupõe a evocação do passado sob um ideal presente. Opera-se o julgamento diante do espelho: quais os textos que melhor expressam o coletivo virtual? O olhar retrospectivo é um sério desafio para a ânsia da inovação. Esperamos que essa edição especial os faça refletir sobre o conteúdo do qual são portadores, por meio da consciência crítica da responsabilidade de reunir, cotejar e publicar literatura.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 13
ANO 2
ABRIL/2020

EDITORIAL

Qualquer geração só se afirma quando engravida de outra. São os sucessores, influenciados pelo movimento anterior, quem dão o testemunho do êxito da geração consolidada. No brevíssimo intervalo de 1 ano, a Revista Literária Pixé não só afirmou-se como publicação especializada como propôs o concurso que oportunizou a participação de mais de uma centena de jovens escritores. Aldeamentos indígenas, comunidade quilombolas, contexto urbano e rural, talentos das mais variadas realidades foram acolhidos, lidos, analisados e selecionados. Esta edição é dedicada aos 20 selecionados pela comissão formada por Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Ivens Cuiabano Scaff e Divanize Carbonieri.

A provável constituição de uma nova geração de escritores em Mato Grosso (ou em qualquer outro lugar do Brasil) diz mais respeito ao tema do que à estética. Parece-nos que a ruptura verdadeira – em termos de literatura produzida no interior do país – dar-se-á pela liberdade do antigo compromisso regionalista. A pretensão de dialogar com autores universais desterritorializa a temática costumeiramente centrada na terra e faz com que o protagonismo do cenário torne-se coadjuvante. Tudo indica que não só os selecionados pelo 1º Prêmio Pixé de Literatura, mas também outros escritores desta geração, não tencionam aderir ao projeto literário romântico que ainda ecoa pelo Brasil, qual seja, o compromisso de descrever, retratar e enaltecer a própria terra.

Outras preocupações são prioritárias para esses jovens. A angústia de um tempo instantâneo, as múltiplas fobias sociais, o abismo financeiro que nos divide, enfim, uma pletora de temas que estão divorciados da recorrente emulação regional a que escritores de vários Estados se dedicam. Se é possível rotacionar a visão sobre um mesmo local (do centro para a margem), é também possível girar ainda mais o eixo temático para fora da paisagem convencional e escrever sobre a própria humanidade. Ainda há espaço para bairrismos no contemporâneo? Será necessária a afirmação local? seremos jungidos às chancelas de instituições tradicionais? O futuro dirá. Em todo o caso, é preciso perceber esse movimento de rebelião silenciosa.

O que pretendia Mann ao escrever Morte em Veneza? A literatura não tinha a obsessão de retratar a terra natal do escritor, mas evidenciar a angústia do personagem que luta contra o próprio desejo conflituoso. É assim com os cânones porque a melhor literatura diz respeito ao que temos de humano, de profundamente humano. Muito embora Shakespeare tenha tangenciado temas essencialmente ingleses, a força dramática que o eternizou está longe da descrição histórica dos reinados dos Henriques ou da geografia inglesa. Não importa realmente em que lugar a história se passe porque a obra shakespeariana pode ser ambientada em Roma, em Londres, em Paris, em Nova Iorque, em Buenos Aires ou em Cuiabá.

Uma nova geração surge tão rapidamente como as novas tecnologias. No mundo virtual não há fronteiras convencionais. Talvez por isso tenha havido uma mudança radical no compromisso romântico de definir brasilidade e, mais particularmente, o espaço regional. O regionalismo ainda viverá? Provavelmente sim. Essa é uma tradição que está entranhada e ainda tem muito espaço para vicejar. Formam-se microssistemas autorreferentes, pequenos umbigos em torno dos quais gravitam a monotemática regional. Não se trata de definir o que é bom e mau, mas de refletir o que tem maior ou menor alcance, maior ou menor diálogo com as questões essenciais do ser humano. Nem o cosmopolita, nem o regionalista é, por si só, timbre de qualidade, muito embora a última tendência tenha o conforto da acolhida entre escritores mais próximos. Se a Revista Literária Pixé revelar novos escritores desatrelados da tradição já tem aí o mérito de prenunciar uma nova geração. Nós não saberemos. O nosso tempo não nos pertence. Quem o compreenderá será o futuro. Vamos a ele. De preferência, depressa.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 14
ANO 2
MAIO/2020

EDITORIAL

A cultura contemporânea tornou-se assunto tão espinhoso que surgem querelas por vírgulas. São milhões de olhares sobre a arte, cada um querendo impor a própria hegemonia ou, no mínimo, sobreviver em meio à selva de publicações e exposições. Competição: é disso que se trata? É provável que ninguém admita no próprio tempo em que vive. Mas Bourdieu e Foucault destrincharam o poder. Todo mundo o quer sem dizer que deseja. No caso da literatura, o poder de narrar. Ainda que no campo cultural não se dê uma guerra convencional é muito natural que haja competição para influenciar. A arte é uma luta pelo poder de influenciar. O papo de cooperação mútua causaria cócegas em Bloom, o neurastênico mais simpático da crítica contemporânea.

Nessa perspectiva, é preciso uma plataforma, projeto, programa ou seja lá como se chame o conjunto de propostas de um escritor. O modernismo fundou uma prática de externar taxativamente o projeto literário, desde Baudelaire a Marinetti. Contudo, o que nos interessa mais é a intenção oculta, aquela que não se diz, mora nas entrelinhas do texto e passeia por fora, no contexto autoral. É que os manifestos publicados rapidamente se desintegram frente aos desencontros de autores que sistematicamente descumprem a constituição que fizeram para si. Os grupos se desfazem na velocidade da competição com a qual se batem os integrantes, cada um lutando por mais espaço, por mais visibilidade, por mais reconhecimento.

Ao contextualizar a estética literária é que se encontram os sucessos e os fracassos de qualquer projeto. Além disso, colhe-se a intenção oculta, aquela não confessada nos manifestos. O que o escritor não confessa? O que luta para esconder? Será no texto – não nos panfletos – que encontraremos as coerências e os paradoxos literários. O conservadorismo no modernismo, o passadismo no futurismo, o romantismo no realismo. É assim porque as transições literárias são um duplo movimento. De um lado, autores que se apegam ao estilo posto em xeque, consolidando-o; de outro, autores que se esforçam para encontrar outros referenciais, no mais das vezes evocando um passado do passado, um passado ainda mais passado do que os que estão a enfrentar.

Aí mora o paradoxo da modernidade, essa tradição de superações. Os novos caminhos são construídos nos escombros dos antigos, pegadas que os novos não conseguem apagar. A literatura nacional conseguiu fugir da missão nacionalista dos primeiros românticos? Deixou de idealizar a terra e os tipos brasileiros? Ou se mantém aprisionada no labirinto temático do qual várias estéticas buscam fugir? Em que medida deixamos de fazer uma "literatura cartográfica"? Desde quando abandonamos uma "literatura tipológica"? Se retrocedermos ainda mais, o que a nova poesia visual faz de tão inovador que já não havia nos hieróglifos?

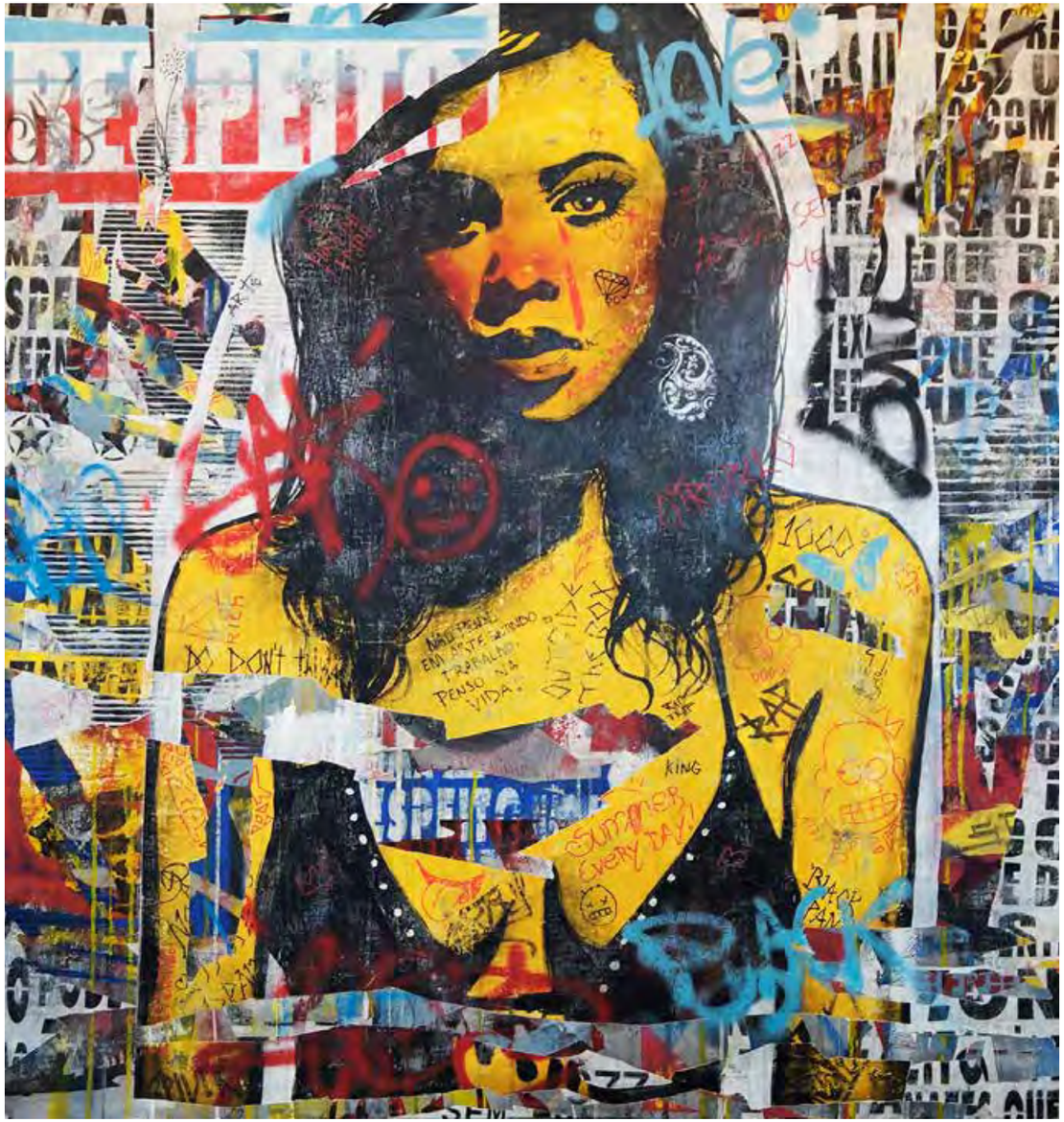
O que observamos, não com pessimismo mas com intensa curiosidade, é que por mais que o artista tente não é possível fugir de si mesmo e de sua época. Ninguém antevê o futuro que já não exista. A paranoia futurista arrasa-quarteirão só levou o grupo ao totalitarismo e, ainda assim, não deixou de demarcar um tempo – o tempo da técnica como demonstrou Benjamin. Há escritores que, em nome da liberdade, ironicamente escravizam-se: moldes, formas, imagens, produtos. Tudo indica que importa mais definir "o que produzimos", "para quem produzimos", "como produzimos". Eis a verdadeira liberdade: o direito de escolher o tema e a forma de abordá-lo. Nós, da Revista Pixé, fizemos uma escolha. Buscamos mais janelas do que espelhos. É uma opção deliberada – sair do próprio umbigo e olhar o mundo. O artista da edição é Adílio Felsing, um cabo-verdiano que mora na Alemanha. Mais contemporâneo, impossível.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 15
ANO 2
JUNHO/2020



EDITORIAL

"Alguma coisa acontece no meu coração", começou Caetano Veloso uma das mais conhecidas canções de seu repertório. Cada um se emociona com um elemento diferente e não há receita de bolo para conquistar o coração humano. A Revista Literária Pixé oferece as mais diversas possibilidades de encontrarmos o amor ou, talvez, de exercitarmos o amar. Por quê? Porque precisamos. A nossa sobrevivência ficará menos penosa se praticarmos uma racionalidade afetiva, um modo de ver o mundo que não seja destituído de ciência, mas que transcenda o modelo cartesiano. No fundo, as ciências sociais já apontam para múltiplas eleições afetivas na própria pesquisa, sobretudo na seleção autoral e temática. A atração para o "objeto de estudo" é, antes de tudo, um querer bem.

Atravessamos um tempo no qual a pandemia parece ser o problema mais grave da contemporaneidade. Ledo engano. A doença mais letal que podemos supor não é a varíola, a hanseníase, a influenza, o novo coronavírus. Não culpemos um microscópico vivente irracional pelos nossos próprios equívocos. O que mata milhões de pessoas é a injustiça social, fruto do crônico egoísmo que obstrui nossas artérias. É o desamor que mata aos poucos, seja por simples inanição, seja por falta de todas as outras condições de vida. Não há saúde, não há educação, não há transporte, não há segurança, não há cultura. Ninguém calcula os nacos de vida que o desamor consome porque a indiferença é um vírus que mata lentamente.

A vacina para a pandemia será descoberta pela ciência em pouco tempo. No mundo atual, temos tecnologia suficiente para mapear o código genético do minúsculo inimigo e encontrar seu flanco sem dificuldade. Vacina sim, cura ainda não. Não conseguimos nos curar do egoísmo. É congênito? Provavelmente sim. No Brasil, vivemos sem remédio para o patrimonialismo, para o personalismo, para o populismo que nos faz pobres de espírito. Além do histórico abismo social que teima em ser omitido, justificado ou minorado, emergem das sombras velhos gritos de ordem cujo resultado sabemos inevitável. O autoritarismo contamina o mundo com mais velocidade do que qualquer outra infecção, necrosando os pulmões da democracia sempre asmática.

Inimigos fictícios são criados com claros objetivos políticos, entre os quais um dos primeiros alvos é a cultura. Vista como ameaça, a produção cultural sempre foi ameaçadora ao pathos irracional. A vacina está com a ciência e para além da ciência. Muitas pessoas, jungidas ao isolamento, perceberam que a cultura é tão essencial quanto a comida. "A gente não quer só comida, a gente quer prazer pra aliviar a dor", não é isso mesmo? De certa forma, todos nós vivemos famintos. Não se trata de uma retórica melodramática. É simplesmente a nossa realidade que constitui um pasto onde medram o autoritarismo, a intolerância e a violência.

Nós, da Revista Literária Pixé, queremos oferecer um tratamento. Na edição de junho, falaremos de amor. Sem dúvida alguma, "qualquer maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor vale amar". Teremos múltiplos amores e amares: de Shakespeare a Nelson Rodrigues, amores carnais e espirituais, amores platônicos, românticos, sádicos ou cartesianos, amores transitivos e intransitivos. O amor é um assujeitamento, seja por admiração, por submissão, por projeção ou ainda por identidade. Elegemos quem e o que amamos, muito embora quase nunca consigamos controlar a forma de amar. Por isso mesmo que "amores serão sempre amáveis" – depende mais de quem ama do que do quem é amado. Amar é uma prática curativa, é um ethos ideal para o pathos atual. Portanto, literatura na veia!

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 16
ANO 2
JULHO/2020

EDITORIAL

A grande sacada da crítica contemporânea é perceber que não há uma estética tão pura que seja capaz de classificar um gênero literário como se fez no passado. Não haveria problema algum na imolação de livros em altares da crítica para canonizar ou excomungar já que a função do leitor profissional é, afinal de contas, dizer se o texto é consistente. Muito já se criticou a crítica. Nenhuma novidade haveria em culpar o crítico pelo insucesso de um autor, o que nos parece um ponto de vista tão cômodo quanto medíocre.

A novidade é que, nos templos da crítica, os dogmas de classificação estão sendo abjurados. Tudo indica que os pensadores da literatura começam a rejeitar essa espécie de monoteísmo espaço-temporal. A obsessão por demarcar estilos e, portanto, cunhar escolas literárias gerou outra paranoia ainda maior: a ansiedade pelo novo. O primado da inovação como objetivo último a ser alcançado fez dos críticos verdadeiros maníacos por catalogação. A partir dos múltiplos modernismos do final do século XIX, o juízo de valor estético passou a se basear na ruptura. De crise em crise, de negação em negação, de esculacho em esculacho, surgiu a tradição da ruptura.

Essa paranoia renovadora que, de estética em estética, arrebatou escritores no século XX não permitiu à crítica perceber um duplo movimento, próprio de qualquer manifestação artística. Enquanto se constatava que, no seio da velha guarda há sempre o germe da inovação, ignorou-se por muito tempo que, no íntimo de cada vanguarda pulsa a tradição. Trocando em miúdos, pode-se afirmar que uma parte da crítica deu-se conta dessa via de mão dupla. Tal conclusão gera insegurança, é bem verdade. Mas por que temos tanto medo da incerteza?

Com a morte dos críticos canonizados, surgiu um vácuo de cânones. Não terá sido coincidência, evidentemente. É apenas o resultado do fim de uma prática acadêmica. O que estamos experimentando hoje na literatura brasileira? O ultrarrealismo? O neonaturalismo? O pós-romantismo? O antimodernismo? Os intelectuais se deram conta de que os estilos não são (e nunca foram) puros. As expressões literárias são tão complexas que reivindicam o novo por meio do passado idealizado ou, ao contrário, rememoram o passado evocando a modernidade. Essa hibridização sempre foi a característica da modernidade, de Bocage a Joyce, de Petrarca a Beckett, de Cervantes a Proust, de Dante a Borges.

É possível perceber alguns movimentos na literatura brasileira contemporânea: o desmonte da formulação da identidade nacional convergente, unívoca e grandiloquente; a perda de território das imagens coletivas para o estímulo à memória, à visão subjetiva de um tempo e de um lugar; o nítido engajamento político com segmentos sociais que foram preteridos como personagens e ambientes que foram ignorados como cenários; a estrutura narrativa plurívoca onde as vozes não se organizam hierarquicamente com base num narrador demiúrgico. Finalmente, tudo indica que a maior característica contemporânea é o convívio relativamente pacífico entre estéticas diferentes.

Os escritores rejeitam a fala autoritária das rupturas agressivas. Percebemos que os experimentalismos estéticos continuam (e devem continuar), mas não são recebidos com o mesmo alarde e não fazem o mesmo sucesso. Será por isso que vivemos numa época de transição? Não. Como entender o que se passa na literatura atual? Nossa recomendação é ser humilde. Perceber que as estéticas se trespassam, se misturam, se contaminam e podem se atrair ou se repelir, não é demérito de uma crítica inconclusiva, mas resultado da maturidade do estudioso e, claro, do escritor. Em tempos de quarentena, importa continuar pensando.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 17
ANO 2
AGOSTO/2020

EDITORIAL

Navegando em mares digitais, vi reproduzida uma citação de Djamila Ribeiro: "como negra, não quero mais ser objeto de estudo e sim sujeito de pesquisa". É uma bonita frase, mas não deixa de ser contraditória, apontei no post alheio. Ponderei – qual é o objeto escolhido pela estudiosa?; uma pesquisa não deve sempre ter um sujeito e um objeto?; a condição racial não é um objeto de estudo?; a condição social não é um objeto de estudo?; a condição sexual não é um objeto de estudo? Não demorou para que outras pessoas se voltassem contra mim – você está criticando Djamila Ribeiro? Sim, estava. E daí?! Até mesmo na academia, onde não deveria haver catecismos, há o cacoete do argumento de autoridade como se a citação conferisse patente ao discurso de quem o reproduz. É uma frase boa, ma non troppo, ora bolas!

A fixação em frases de efeito, apelos retóricos que impactam com objetivo de "lacrar" pode conduzir a perplexidades lógicas. Esse é um dos muitos casos em que a comunidades de fieis da igrejinha ideológica reage com uma crítica ad hominem, exatamente a mesma reação que tanto condenam. Evidentemente que entendo a colocação da estudiosa: Djamila cansou-se de ser objeto de estudo e foi em busca da própria voz, assumindo o protagonismo na pesquisa e na formulação de um ponto de vista. No entanto, ainda que seja a frase tenha a melhor das intenções, não se sustenta. Qualquer autor e qualquer crítico pode (e deve) ser objeto de estudo. É muito natural que o discurso seja analisado. "Como negra", é a primeira e mais óbvia secção a fazer na fala de Djamila, talvez o segmento mais polêmico, embora não seja o mais relevante para o debate. A frase pode ensejar uma boa reflexão sobre sujeito e objeto no discurso científico – esse sim um tema que provoca brotoejas nos pesquisadores.

"Como homem", "como branco", "como escritor", "como pai", "como estudante", "como editor", digo que... Trata-se de uma apresentação autobiográfica, não? Uma espécie de papel timbrado daqueles que pretendem uma audiência cativa e sacam do bolso o cartão com o nome, a profissão, telefone e o endereço comercial. A crítica anda fazendo a mesma coisa. Antes de apresentar a pesquisa, entrega-se o cartãozinho – pesquisador negro, branco, gay, hetero, rico, pobre, jovem, velho, especialista, mestre, doutor e, mais modernamente, pós-ultra-mega-plus doutor. É a velha frase "você sabe com quem está falando" às avessas. Importa considerar o pesquisador e sua condição existencial tão importante quanto o resultado da pesquisa. Aplicando essa "carteirada intelectual", deveremos validar as conclusões teóricas de um autor sob o ponto de vista da representação social ou, pior, invalidá-las. Comigo não, violão!

O "local de fala" é uma das muitas variações do pensamento classista. Como qualquer outra ponderação acadêmica, deve ser levada em conta com seriedade e escrutinada para saber se resiste. Aliás, a crítica da crítica não é um movimento novo. Descortina o recorte temático, a intenção estética, a seleção ideológica. Contudo, esse exercício tem como objeto a crítica, não o crítico. Se a leitura eminentemente biográfica é o que há de mais pueril para mensurar a complexidade do texto literário, por que a crítica biográfica do crítico também não o seria? Esse movimento de (in)validação teórica de acordo com "quem está falando" milita contra o teórico porque sempre o reduz, segmenta, classifica, padroniza e estigmatiza. Sendo assim, poderemos aplicar a mesma lógica à própria crítica (ou ao crítico), invalidando o argumento por ter partido de uma biografia comprometida com um determinado ponto de vista. O pensamento é autorreferente e conduz a conclusões circulares. A última coisa que precisamos é de mais uma estante para segmentar a livraria.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 18
ANO 2
SETEMBRO/2020

EDITORIAL

Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília. Marília Beatriz. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Marília. Marília Beatriz de Figueiredo Leite. Marília Beatriz. Saudade.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
SETEMBRO/2020
PEDRO CASALDÁLIGA

EDITORIAL

A literatura tem algum dever ético? A pergunta pode ser generalizada para a arte em geral. O artista é jungido a se posicionar eticamente no interior da obra que produz? Ou essa pauta prévia constrange a tão festejada autonomia da arte? É claro que o escritor faz o que bem entende, mas será menos considerado pela crítica ao mandar a ética às favas? Essa discussão já aconteceu com Nabokov, por exemplo. O autor de Lolita foi proibido em dezenas de países. A obra não tece qualquer censura à paixão do velho escritor por uma ninfeta com a qual mantem uma relação de recíprocos assédios. A linda de responsabilidade dos personagens é tão tênue que revolta os mais pudicos patrulheiros do politicamente correto. Ao não se posicionar contra o tabu, Nabokov constrange o leitor que ficará perdido. Podemos atualizar a discussão e ampliá-la para questões contemporâneas: raça, religião e gênero. O escritor precisa ter lado?

Esse preâmbulo nos pareceu apropriado ao refletir sobre a obra de Pedro Casaldáliga. Terá sido ele um escritor que virou padre ou um padre que virou escritor? Antes de prosseguirmos, é de se esperar citar o poeta D. Aquino Correa, um autor pouco conhecido do cenário nacional que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, mas consagrado no berço em que nasceu e atuou. Versejando no estilo parnasiano, Aquino combatia os vícios caprichosos do romantismo, identificando sempre o "bom" com o "bem". Para o autor de Terra Natal, o ofício de escrever bem está umbilicalmente condicionado a ser bom. Daí que muitos poemas são prédicas.

A arte foi usada para catequisar, além de consolidar antigas imagens de um sertão idealizado. Se os escritores malditos dos séculos XIX e XX mandam pudores morais às favas, Aquino subjuga a autonomia da arte em nome da religião. O bispo-escritor vale-se da literatura enquanto instrumento, uma ferramenta para propagar valores cristãos e o imaginário regionalista que prometia prosperidade. Era talentoso, sem dúvida alguma. Mas não deixava de fazer proselitismo poético, se é que podemos classificar assim. Mas e Casaldáliga? Qual o viés era prevalente, o humano ou o divino? A arte ou a missa? O nosso homenageado submeteu a poesia ao missal romano? Definitivamente a resposta é negativa.

É bem verdade que Casaldáliga lamenta a humanidade cruel, opressora e contraditoriamente desumana, distante do Deus que acreditava. Mas não faz prescrição na literatura que compunha. Sim, comunga com o sistema literário regionalista ao projetar um cenário desolado de um sertão ilhado, abandonado, precário. No entanto, não se trata da terra pródiga e convidativa de Aquino ou do charco mágico de Manoel de Barros. É justamente o contrário. Casaldáliga opõe-se ao resultado do sonho de Aquino: denuncia a devastação ambiental, a concentração de renda e de terra, a intolerância com os povos indígenas, a exploração da infância, enfim, faz a poesia combater os novos mitos do agronegócio. De certa forma, também faz um contraponto à evasão abstencionista de Barros, afirmando-se como um homem que não quer fugir, não quer partir à cata das insignificâncias do subjetivismo extremado.

A questão é saber se, ao organizar uma cartilha politicamente correta para os dias atuais, Casaldáliga não faz o lirismo ceder à retórica política. Porque, na oposição frontal de dois modelos, é muito comum que as antíteses aproximem-se involuntariamente. Quem melhor pode destrinchar essa tensão é Edson Flavio Santos que faz a curadoria dessa edição especial. Sua tese doutoral dedica-se a refletir sobre a obra de Casaldáliga. Temos aqui uma seleção de poemas que gravitam em torno da obsessão temática do poeta, reação combativa e inconformada, felizmente sem a pretensão prescritiva.

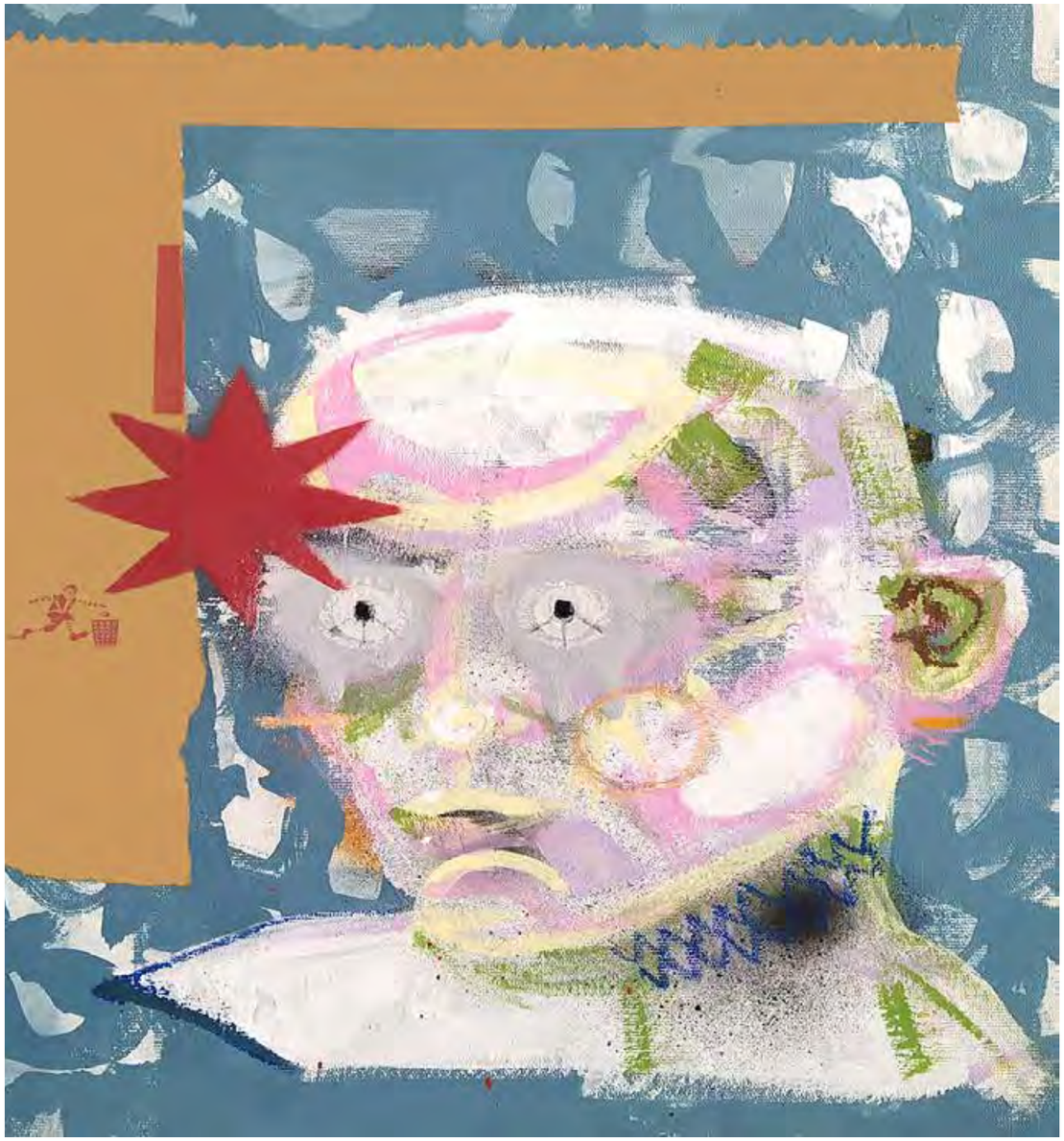
Ainda que o aspecto telúrico seja o alvo do nosso homenageado, a miúde alinhado com sua terra e sua gente, o nome de Casaldáliga transcende ao regionalismo. Não só pelo engajamento contra a ditadura militar e suas políticas de ocupação arbitrária do sertão brasileiro, mas pela força estética da qual brotam "margaridas da utopia impossível". Essas flores do lirismo de Casaldáliga formarão um latifúndio autoral para o qual o bispo incentivaria a invasão e a desapropriação. Assim o fazemos.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 19
ANO 2
OUTUBRO/2020



EDITORIAL

Vôte!, Oxente!, Tchê!, a Pixé quer olhar para o Brasil. Mas, afinal de contas, haverá "um Brasil"? Não seria esse nosso enorme continente tupiniquim uma imagem construída com muita tinta e algumas balas de canhão? Estamos cutucando a onça com vara curta para falar sobre regionalismo, ou melhor, sobre regionalismos. É preciso nos questionarmos se essas impressões regionais não são, elas mesmas, uma manifestação do que seria nacional em qualquer outro país latino-americano. Só para fundir a cuca, cabe outra questão diametralmente oposta. Importa saber se a escrita classificada como regionalista não é um eco romântico que visa a integração nacional. Autonomia ou integração? Individualidade ou coesão?

Antes de continuarmos, importa resolver um bruta equívoco. Formou-se a convicção – provavelmente às margens da melhor crítica literária – de que o regionalismo é pior, menor, esteticamente mais pobre do que uma literatura considerada universal. Negativo! O guru da crítica brasileira Antonio Candido explica que o antônimo de regionalismo não é universalismo e sim cosmopolitismo. Isso significa que, um texto essencialmente regional pode perfeitamente bem transpirar o drama humano por todos os poros. Não é o caso de José Lins do Rego? De Rachel de Queiroz? De Jorge Amado? De José Américo de Almeida? Se até Manoel de Barros que canta caramujos e borboletas do Pantanal mato-grossense é considerado um poeta nacional, por que a utilização de um determinado cenário faria a obra pior, menor, menos importante?

O regionalismo combate a cidade, a doença do cosmopolitismo e seus sintomas. E mais: é no regionalismo que a(s) identidade(s) brasileira(s) aparece(m) de forma mais nítida. O que mais importa para avaliação de uma obra literária não é o acento usado no texto, não é a geografia, não é um glossário regional. Isso tudo pode formar uma rica simbiose com a narrativa ou compor uma lírica particular, mas nunca substituir o essencial de uma obra literária – o drama humano. O que pode ter ocorrido no nosso rincão é a interiorização do romantismo, isto é, da tarefa literária fundacional de dizer "o que é o Brasil". Esse projeto de emancipação e de identidade colocou a pergunta no plural: "o que são os Brasis?".

De qualquer forma, a polêmica é das menos produtivas que se possa conceber porque não se trata de julgar o que é "bom" ou "mau" e sim rotular uma determinada produção. Chamamos atenção para um outro elemento que os estudos culturais trouxeram para o debate. O regionalismo seria uma manifestação de resistência cultural ao neocolonialismo, de um lado, e à pasteurização cultural do eixo Rio-São Paulo, de outro. Procede? Não. Esse discurso leniente com a produção literária, enxergando-a de forma enviesada, parece-nos comodismo e não dá conta de analisar a obra literária em si. Noutras palavras – enxerga-se o mérito literário pelo contexto e não pelo texto. Fôssemos analisar o contexto real do regionalismo, muito pouco dele está atrelado à resistência cultural e sim vinculado a campos simbólicos locais. Trocando em miúdos: trata-se de falar "por", "com" e "para" um grupo que (re)conhece determinados códigos que garantem a recompensa.

Em termos de literatura, a paisagem é uma coadjuvante. No máximo, fornece um tempero à narrativa, integrando-se ao personagem como é o caso de Taunay, Graciliano Ramos ou Franklin Távora. Contudo, os pampas, o sertão, o pantanal, a floresta, nada disso protagoniza um romance. Nessa paleta, é possível discernir dois tons: o primeiro usa o cenário como referência e se concentra nos sentimentos humanos em conflito e o segundo faz do cenário um objetivo da obra literária, o que diminui o alcance da expressão. A última coisa que se destaca na obra de Guimarães Rosa são os sertões que emprestam a ambiência para dramas humanos profundos e inconfessáveis. O sertão de Rosa está dentro do sertanejo – é por isso que o levamos para qualquer parte.

Tentar ser regional causa o mesmo prejuízo de tentar não sê-lo. Esse esforço de desterritorialização pode ser tão deletério quanto a fixação monotemática em uma única geografia quando sentimos que, ao ler o livro de um autor, acessamos também a obra toda. Por enquanto, basta. Resumo da ópera: fazer arte não é fácil. A única certeza que temos é que ela serve para retratar a nossa humanidade, nem que seja por meio de uma natureza morta.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
OUTUBRO/2020
LUCIENE CARVALHO: 25 ANOS DE POESIA

EDITORIAL

Para ler Luciene Carvalho não é preciso saber quem é Luciene Carvalho. Os adendos biográficos da autora podem dar uma falsa impressão de que ela está se tornando referência na literatura porque é uma mulher negra. Mas não é isso. E não será com essa régua que, no futuro, ela será medida. Luciene Carvalho se impõe porque é boa no que faz. Por quê? Porque ela não vive escondida nos nichos que dariam guarida para minorias, encerrada num círculo tão leniente quanto autorreferente. Ela teria todos os requisitos para preencher esses formulários da crítica literária contemporânea e ser rotulada como "literatura de resistência", "literatura feminina", "literatura negra", "literatura periférica" e outras tantas caixinhas que os críticos criam para viver dentro. Luciene Carvalho é uma excelente escritora e ponto.

Evidentemente que é possível traçar paralelos com Carolina de Jesus, por exemplo. Ou talvez com Conceição Evaristo, uma autora contemporânea. Uma outra leitura poderia conduzir a um paralelo com o naturalismo de Aluísio de Azevedo ou com o modernismo de Lobivar de Matos. Mas que paranoia é essa de se obrigar a buscar referências para ler uma determinada obra? Isso não passa de um cacoete da crítica acadêmica que se serve de referências para calçar o que deveria ser, antes de tudo, um ato sensorial, uma intuição primária, uma emotividade genuína. Pois é isso que transpira na obra de Luciene Carvalho – verdade. Não o esforço criativo que idealiza (o que não deve jamais ser tomado como demérito), mas a experiência autêntica dos dramas da mulher negra de meia-idade, com fortes raízes no sertão mato-grossense que reina em um quilombo contemporâneo onde prevalece o matriarcado.

Ler Luciene Carvalho é ter uma experiência com a verdade, um encontro de contas com o passado ancestral que, obviamente, é negro e é periférico. Ao longo desses 25 anos, a escritora não publicou panfletos políticos. Ela escreveu livros. Não se usou da própria biografia para alavancar sua imagem. Simplesmente escreveu e quis viver da literatura. É o que há de mais atraente na autora – ela rejeita a autocomiseração artística, a vitimização que oportuniza um discurso com público seleto, com aplausos garantidos, com cátedras universitárias prontas a rotular autores de forma leniente em razão de uma suposta solidariedade. A Revista Literária Pixé prova o mérito literária de Luciene Carvalho com seu texto rico em imagens cotidianas. Irônica, ácida, melancólica, irada e sensual: todas essas facetas estão presentes na seleção da curadora Maria Elizabete de Oliveira.

Ter a arte de Paulo Sayeg nesta edição é uma realização a mais. No reinado de Luciene Carvalho – sim, porque ela (re)cria a realeza africana em muitos momentos de sua obra – a evocação aos orixás não poderia ser mais adequada. Toda a força da nossa ancestralidade está presente na magia dos deuses negros. Enquanto caçam, dançam e abrem os nossos caminhos, reis e rainhas estão sentados em seus tronos. As festas celebram o espírito tribal, a intensa coesão social. Os cantos, as danças, essa lúdica catarse de Sayeg dialoga com os nossos terreiros onde o samba foi parido dos atabaques do candomblé e a oralidade era a única forma de expressão com a palavra. Sayeg é o nosso Pierre Verger da arte brasileira contemporânea.

Devemos fazer uma recomendação importante. Não deixem de ler a poesia de Luciene em voz alta. Porque não se trata de uma literatura intelectualizada, perdida nos jogos criptografados que os críticos se comprazem em decifrar. Os textos estão longe desse experimentalismo que paradoxalmente odeia o grande público. A poesia da nossa homenageada não encontra relação nessa arrogância intelectualóide que discrimina o popular. Nada de intimismo! Nada de esnobismo! Nada de silêncio! Luciene Carvalho é do povo e escreve para o povo. É por isso que a declamação completa a lógica da escrita. Ao ser declamado o poema incorpora alguma entidade de Sayeg que dança freneticamente na nossa mente. É para rir, chorar, pensar e se divertir. É para celebrar.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 20
ANO 2
NOVEMBRO/2020

EDITORIAL

Há uma reflexão de Barthes que rende ótimas polêmicas. O intelectual lembra que a nau dos Argonautas sofreu vários reparos. Ao colocar tábuas novas no lugar das antigas durante a jornada, os aventureiros desembarcaram de um navio completamente diferente daquele que haviam embarcado. Contudo, era a mesma nau de Jasão. Por quê? Barthes aponta que a natureza do barco se manteve a mesma porque os tripulantes o denominavam assim. Essa provocação, a um só tempo, fustiga linguistas, filósofos, críticos de arte etc. Queremos usar a metáfora do navio para tratar das novas tendências da literatura e perguntar: o que escrever que já não tenha sido escrito?

Para respondermos, convém dar um passo atrás. O compromisso das vanguardas com a inovação instalou uma paranoia nos autores e no público. Romper com o passado era a pauta monotemática das vanguardas que, como era esperado, consumiram-se em autofagias. No auge dos movimentos europeus da primeira metade do século XX, uma enorme competição estética gerou a ansiedade patológica pela novidade e pela negação. Os questionamentos foram se radicalizando a ponto de romper com a palavra, com o código alfabético desenvolvido a duras penas. A semiótica lançou sua bula: "tudo é texto". Uma pintura, uma escultura, a fachada de um prédio e as letrinhas que boiam na sopa de legumes compõem escrituras e, portanto, seriam literatura.

É claro que os primeiros registros humanos foram, na verdade, inscrições em cavernas. Comunicação em essência. Contavam a história de caçadas, das primeiras plantações e criações, da vivência organizada em pequenas comunidades. Vieram as civilizações com seus hieróglifos e ideogramas. Dez mil anos depois, surgiu a poesia visual recebida como literatura sem palavras. Tratava-se de questionar o código de comunicação por ser ele supostamente muito limitado. Além do mais, as fórmulas convencionais de linguagem era acusadas de operar como programas de perpetuação das desigualdades. A vanguarda foi desmontando o antigo navio tábua a tábua, substituindo consensos por novas perspectivas até que surgiu um novo barco com o mesmo nome, mas completamente diferente.

O resultado dessas reformas em alto mar foi diverso do que se passou na nau dos Argonautas. No caso dos gregos, as tábuas eram trocadas por outras da mesma madeira, ou seja, a metáfora da troca questionava a autenticidade e o ineditismo da obra, mas mantinha a mesma natureza comunicacional. No caso das vanguardas, o que se colocou no lugar das tábuas velhas não foram tábuas novas e sim papelão barato ou o que mais fosse escandalizar. Esse novo barco ainda mantinha o nome de literatura porque não souberam inventar nada que boiasse tão bem. Tudo passou a ser texto: palavras, desenhos, colagens, esculturas de gesso, cimento e neon. Essa radicalização de ruptura fez com que, em alguns casos, a literatura perdesse o maior valor que tem – a comunicabilidade. Esse canto da sereia é tão confuso que os leitores acabaram por entupir os ouvidos de cera de abelha.

Hoje a vanguarda tornou-se um fantasma, um morto que perambula com o qual conversamos aos tropeços. De vez em quando essa entidade fala e não é ouvida. Outras vezes falamos com ela e não obtemos resposta. De qualquer forma, é uma referência incontornável que "nos atrai, nos deslumbra e estimula" – como diria Caetano. O que resta a fazer não é, definitivamente, minar a palavra nem as narrativas convencionais. O que de mais inovador podemos fazer é uma literatura que narre o que ainda não se narrou, o que é recusado, sonegado, escondido ou silenciado. Essa é a verdadeira missão dos Argonautas de hoje: dar voz a novos narradores em paisagens diferentes. O marinheiro contemporâneo não vive de fazer furos no casco para sabotar a própria missão. Entendemos que não há problema algum em navegar num barco literário que se transforme com o tempo, desde que não afunde. A Pixé continua a velejar...

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 21
ANO 2
DEZEMBRO/2020

EDITORIAL

Não é de hoje a exigência pelo engajamento político na arte. Na virada do século XX, o maior escritor brasileiro teve muita paciência com o histrionismo de Silvio Romero que era um azougue na mídia. O jornalista e crítico literário encheu a paciência de Machado de Assis, acusando-o abertamente de abstenção quanto à política republicana que era retratada nos contos e romances com desconfiança, mordacidade e ceticismo. O Bruxo do Cosme Velho ignorou. Foi o melhor que podia fazer. Sabia que não é o escritor que precisa se posicionar politicamente através da literatura. Do alto de sua perspicácia, entendia que essa tarefa é dos leitores que se sucederão no tempo a imprimir múltiplos significados à mesma obra, variando de acordo com a própria realidade.

Desconfio que Machado não teria a mesma sorte hoje em dia. Parece que Silvio Romero se multiplicou em inumeráveis patrulhas Para os fiscais da arte, o escritor precisa se posicionar de forma engajada. Deve "condenar" ou "absolver" determinado personagem pelo que "ele representa" na estrutura da narrativa. O escritor precisa, enfim, subir na caixinha de madeira para fazer do texto um palanque. Até mesmo Shakespeare, coitado, já foi pichado nas cátedras universitárias por não ter promovido uma crítica aberta ao absolutismo elizabetano, por não ter condenado o racismo, a misoginia e todos os demais preconceitos que assombram a humanidade. No último grito dos estudos culturais, o dramaturgo inglês seria o embaixador da elite burguesa.

Flaubert é machista. Tolstói idem. Machado não foge à regra. Criaram personagens femininas retratadas como traidoras. Quem pode esquecer o olhar oblíquo de Capitu? Bernardo Guimarães foi processado, julgado e condenado em tribunais ideológicos por ter escrito sobre uma escrava branca. Castro Alves romantizava a escravidão. Gonçalves Dias promovia patriotadas hiperbólicas em sua poesia. Euclides da Cunha sofreu uma esculhambação por ser racista, mesmo dizendo que o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Já Monteiro Lobato fez uma referência condenável à Tia Nastácia e pagou o pato por causa do Jeca. Nabokov foi acusado de instigação à pedofilia por não ter condenado expressamente a paixão do velho escritor por Lolita. Hemingway responde à denúncia de ser misógino.

Imaginem um personagem como Raskólnikov de Dostoievski. O sujeito era ganancioso e matou uma velhinha indefesa para furtar-lhe as joias. Ponto final. O russo merece ser reprochado em público pela crítica. Não deixou claro a condenação moral do personagem, fazendo os leitores amarem o assassino e suas angústias. A traidora Luísa faz de Eça de Queirós um incorrigível misógino. A um só tempo, esculacha a imagem de duas mulheres. Enquanto temos um modelo de marido, bem apanhado, funcionário zeloso, homem alheio à vida noturna e dissoluta, pensa numa frívola mulher loira que se entrega à própria fraqueza e outra, uma megera em pessoa, empregada sem qualquer escrúpulo que faz chantagens horríveis.

O que Eça quer nos dizer? Ora, está claro! O homem é sempre enganado por mulheres caprichosas que se merecem em sua torpeza feminina. O que mais poderia ser? Machado vai no mesmo prumo. A mulher não merece crédito e atormenta o marido honesto com seus trejeitos maliciosos. Bovary e Karenina são duas traidoras que cederam à fraqueza inerente ao caráter feminino e meteram um chifre nos maridos sisudos e trabalhadores. Até Jorge Amado criou uma traição *post mortem*! Dona Flor não aguenta a bonomia do honesto Teodoro e mete um chifre no marido correto com a alma penada do ex-marido, jogador, alcoólatra e mulherengo.

Julgar a obra pelo viés ideológico da época é a escola de pensamento que Silvio Romero nos legou. Exigindo engajamento político, bateu em Machado de Assis que escreveu Esaú e Jacó que ironizava a polarização radical dos inimigos que não se tocavam sobre a própria proximidade. Foi essa mirada de incredulidade, de desconfiança, de pessimismo e, sobretudo, de distanciamento que fez de Machado de Assis o que é e sempre será Machado de Assis. Provou-se que a suposta abstenção machadiana não era um "isentão". A ambiguidade humana, trabalhada por ele com fina ironia, nos ensina três lições: literatura pode contemplar todos os temas, mas será tanto mais longeva quanto enfrente os sentimentos humanos descolados de rótulos ocasionais; o escritor só sobreviverá ao tempo se tiver generosidade de deixar a interpretação aos leitores; críticos são importantes, mas a literatura de qualidade sobrevive a todos eles.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO ESPECIAL
ANO 2
DEZEMBRO/2020
RAÍZES DO BRASIL

EDITORIAL

É provável que o "grito de independência" de Pedro I esteja mais para lenda do que para realidade. Todo país precisa de seus mitos fundadores e nós, brasileiros, temos o nosso pintado na tela de Pedro Américo. Como o desligamento metropolitano não passou por traumas além de resistências pontuais, a verdadeira independência foi iniciada na literatura antes mesmo do cavalo, da espada e da barbicha do primeiro imperador. Nos periódicos da época, travava-se um debate sobre a identidade nacional que iria se arrastar até o século XX – teríamos elementos culturais capazes de nos identificar como um povo independente? Naquela época, quem poderia responder a essa pergunta?

Claro que a questão identitária não era uma preocupação na vida comezinha das "gentes de baixo", da ralé, do populacho. O incômodo com as ligações portuguesas dava comichão em uma elite pensante que falava três ou quatro idiomas e cuidava de terras e escravos, quase sempre radicada na Corte banhada pelo mar. Ninguém perguntou às etnias indígenas, aos refugiados aquilombados e aos moradores dos cortiços cariocas se ali haveria ou não identidade. Ainda assim, construiu-se uma imagem. Aquela geração de bravos nativistas pariu uma bricolagem de "tipos regionais" cuja reinvindicação de nacionalidade dava-se pela expressão romântica. Com o tempo e a crítica, os escritores perceberam que o país era completamente desconhecido e, portanto, poderia ser descoberto e redescoberto a cada romance. Mas como se daria essa descoberta? É aí que a porca torce o rabo.

Durante muito tempo, permanecemos com a noção mimetizada de "conquista", reprisando a mesma mentalidade colonialista introjetada pela metrópole. Era preciso avançar, ocupar e conquistar o grande vazio brasileiro, levando civilização à barbárie. Esse padrão de pensamento demonstrava (e ainda demonstra) uma visão paradoxal de liberdade e dominação, de autonomia e hegemonia, isto é, de velhas repetições sob o manto da novidade. Falou-se sobre o "mestiço", mas o mestiço não disse nada. O mesmo se diga quanto ao indígena, ao negro, ao sertanejo, à mulher. O monopólio narrativo afigura-se, desde sempre, uma enorme contradição. Sobretudo quando os autores pretendem alcançar a realidade. Aí as narrativas ganham contornos patéticos e são, quase sempre, motivo de escárnio para as gerações seguintes.

Não pretendemos sustentar críticas simplistas que almejam destruir o passado, passando a borracha na literatura que seria uma espécie de "rascunho identitário". Essa posição é de uma arrogância indescritível. Julgar o mérito da arte do passado é instalar uma bomba-relógio que explode geração após geração, anulando qualquer esforço realizado até o eterno presente que não quer despregar do imaginário intelectual contemporâneo. A expressão artística do passado não é melhor, tampouco pior. Como manifestação de uma época, terá sempre uma importância vital para compreender a nossa própria produção, assinalando as viradas estéticas significativas de cada momento histórico. Não fosse assim, deveríamos simplesmente abolir do nosso cotidiano as tragédias gregas, onde a escravidão, a xenofobia, o racismo e a misoginia (os gregos não eram fáceis) compunham um cenário absolutamente natural.

Portanto, o que se busca nesta edição da Revista Literária Pixé não é o revanchismo. Ao contrário: é preciso incluir, abraçar, oportunizar outras vozes. Vozes que formam uma identidade pouco considerada pelo cânone. Vozes que não são meras projeções de terceiros. Vozes que representam a si próprias. São melhores? São piores? O julgamento estético quem fará é o leitor e o crítico do presente e do futuro. O que importa, aqui e agora, é expor as nossas raízes. Mas não se enganem! As raízes do Brasil não estão apenas debaixo da terra. São visíveis nas folhas, nos frutos e, por que não?, nas flores. Não vamos cair na esparrela de monopolizar a visão sobre identidade. A ninguém pertence esse direito e, ao mesmo tempo, é um direito que pertence a todos.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 22
ANO 3
JANEIRO/2021

EDITORIAL

Velhas ideias são como organismos vivos. Em geral, vivem adormecidas na mente, parasitando com parcimônia a energia que circula na cachola. Porém, quando a imunidade cai, elas despertam com força e contaminam o corpo do hospedeiro e, se bobear, de milhares de vítimas. A ideia de "civilização" é um dessas seculares tênias que se pregaram no imaginário de muita gente. Quando menos se espera, a brotoeja do preconceito coça sem parar, levando os intelectuais a formular de diferentes formas os antigos preconceitos sobre a cultura popular. O mais grave sintoma dessa doença está no comprometimento identitário. O brasileiro sente-se exilado no próprio país porque almeja que aqui se torne outro lugar. Sonha fugir. Como não pode, luta para transformar sua realidade local, mimetizando padrões estrangeiros.

Essa espécie de transferência cerebral não é nada nova. Sentir-se estrangeiro no próprio território foi um diagnóstico de vários intelectuais do passado, muito embora eles mesmos tenham sucumbido à coceira civilizatória que pretendia vencer o caráter rebelde desorganizado, lasso e festivo que seria o Brasil profundo. Contaminado até a pituca com os salamaleques da *Belle Époque* alheia, o intelectual faz biquinho para falar uma outra língua. Pior que isso: quer pensar em outro idioma. Não é incomum organizarem saraus com direito a piano francês, operetas italianas e declamações de Whitman. No original, é claro. Para termos uma boa radiografia de quem é quem nesse universo de escaramuças, basta radiografar as preferências. Poderemos fazer uma cartografia do gosto.

Na biblioteca, o lugar de destaque é sempre para os clássicos românticos, enquanto os aparelhos de áudio tocam ininterruptas sonatas nostálgicas. Onde vive essa gente? Em que passado? De que lugar? Pior que isso: o que fariam eles se chegassem ao poder? A única certeza que temos é que odeiam o popular. Por certo que também odeiam o povo Onde houver uma aglomeração, não haverá refinamento. Parece que estamos vivendo no tempo de Gobineau. Buffon não deixa por menos. Eles assombram muitos casarões coloniais. Quanto equívoco! Estamos vivendo no século seguinte. No milênio seguinte. No entanto, as ideias de civilização, superioridade, refinamento cultural ainda estão grudadas ao casco vazio do preconceito com poderosas ventosas etnocêntricas.

Antes que nos acusem de tacanhos, nacionalistas, promotores da tão antiga patriotada intelectual, deixamos claro que não queremos reivindicar o "genuíno espírito brasileiro" que, aliás, não existe. Não temos mais paciência para as velhas aulas de OSPB doutrinário em matéria de cultura, façam-nos o favor! Também não seremos nós a reprisar movimentos que engendraram xenofobia recalcada. Aliás, somos partidários da geleia geral. A nossa questão é se opor a uma visão qualitativa de cultura. Isso sim é o suprassumo do atraso mental. Essa é a solitária que engorda no organismo intelectual brasileiro, doença que Nelson Rodrigues apelidou de "síndrome de vira-lata". A ideia de civilizar um povo, por meio do suposto levantamento cultural, é o pior complexo que podemos agasalhar entre os pensadores brasileiros. Mas que espécie de discurso é esse? Esse papo já tá qualquer coisa, diria Caetano.

Já passou da hora de entendermos que qualquer tradição não passa de ficção construída por determinados grupos de interesses. Se é assim, tomamos consciência de que nossa identidade é uma opção e não um fatalismo racial, geográfico, sexual, religioso ou moral. Consciente ou inconscientemente, os intelectuais optam. São as opções que revelam os escritores por inteiro – apenas para falar de literatura. Que narrativa, que narrador, que local, que tempo, que tema? A quem é dado o protagonismo? Quem fala? Quem cala? Quem domina a narrativa? O intelectual revela-se por inteiro através dos personagens, mesmo que se esconda atrás deles. Tudo é resultado de uma opção. Opta-se em negar a realidade e o presente para cultuar a velha erudição de gabinete, do discurso grandiloquente e enciclopédico e, como não poderia deixar de ser, do chá com bolinhos de chuva. Infelizmente, algumas ideias sobrevivem aos ideólogos. São ecos do passado que reencarnam em vozes do presente. Nós da Pixé sonhamos com o devir.

PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 23
ANO 3
FEVEREIRO/2021

EDITORIAL

Para que serve a literatura? Parece uma pergunta gasta de tão repetida. Contudo, passados dois milênios, se está posta ainda hoje, a questão tem força. É importante não ignorá-la, não menosprezá-la e de todo recomendável que não nos cansemos de respondê-la. Até aqui, foram levantadas as seguintes objeções à poesia e à ficção: a literatura não diz a verdade, não conduz à moral, não é útil e não ajuda a sociedade. São críticas severas, feitas por gente do mais alto gabarito, de Platão a Sartre. Claro que desequilibrados de todos os gêneros embarcaram nessas teorias. É o caso de Savonarola que reuniu em praça pública obras de arte e livros para a sua fogueira das vaidades.

Das artes, a literatura é um alvo clichê. De quem é a autoridade para narrar? Dos poetas ou dos filósofos? Estes últimos foram impactados por Platão cuja república ideal exilaria os poetas que eram contumazes mentirosos. A poesia era o símbolo da imitação, uma percepção defeituosa e ilusória da realidade. Cá entre nós, esse camarada de largos ombros deveria ser um porre. Felizmente, o maior discípulo não foi contaminado pela metrofobia platônica. Ao contrário – Aristóteles escreveu um dos pilares para o estudo da poesia. O discurso antiliterário transformou-se. Depois do classicismo, o problema passou a ser a religião. Se os poetas deveriam ser proscritos por distorcer a realidade, com o aumento do poder da Igreja, deveriam ser exterminados por paganismo.

Com a sociedade burguesa, a questão moral foi uma nova estocada que recebeu a literatura. Sejam os escritores, sejam as obras, tudo ligado ao meio artístico representava a corrupção. Noutras palavras – a expressão da realidade nas obras literárias não só era falsa como passível de corromper a sociedade civil. Maridos e mulheres que se traem mutuamente, filhos que matam ou roubam os pais, padres que abusam dos fiéis incautos – afinal, que tipo de exemplo é esse? O caso de Quixote é emblemático – ficou louco de tanto ler. A literatura inocularia no leitor uma doença silenciosa. E mais: a literatura também não é padrão de comportamento na vida política. Golpes, conluios, traições, revoluções – tudo o que há nos livros não se recomenda para a vida cívica.

Finalmente, a literatura passou a ser vista como um artefato de elite. Medir o conhecimento de alguém com base na leitura seria o suprassumo de uma visão elitista, reservada a uma ínfima camada de leitores que se dão ao luxo das leituras frugais. Quem lê livros de poesia? Quem tem tempo para romances? Forma-se uma casta que forja padrões de autolegitimação e o conhecimento artístico é um desses elementos de distinção. Tocar piano, assistir balé, frequentar vernissages e declamar poemas é um luxo exclusivo para afetados da classe alta. O povo quer algo de útil. Somente a ciência ofereceria a redenção, jamais a literatura. O discurso científico reencarna o fantasma de Platão. Trata-se agora de utilidade. Além de falsa, a literatura seria inútil.

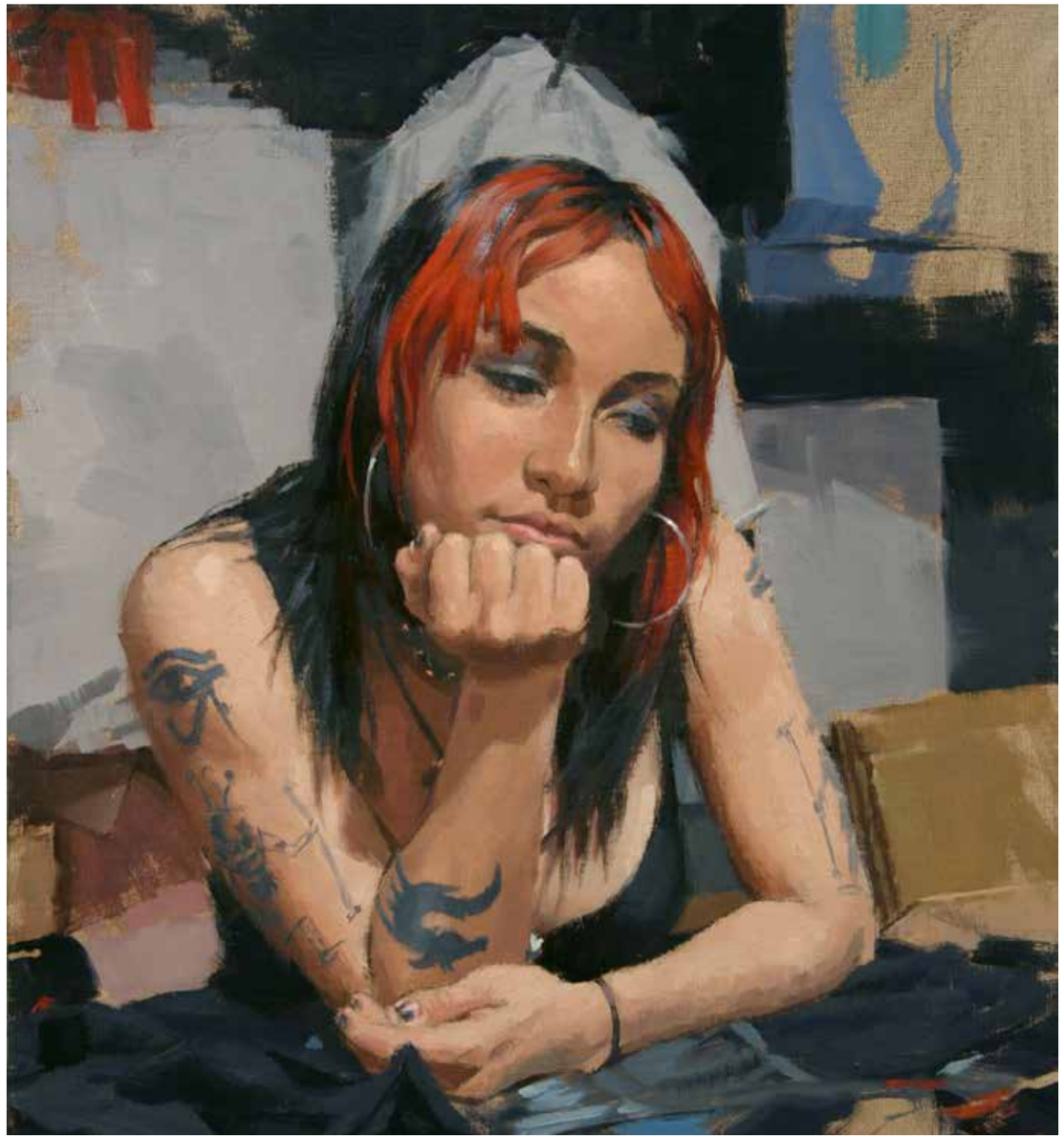
Nem a sociologia deixou de tirar uma casquinha da literatura. Poemas e romances se resumem a fenômenos, artefatos artificiais passíveis de análise como quaisquer outros. Não é mais importante do que estudar tatuagens, piercings, cortes de cabelo e moda. Os estudos literários eram exclusivistas demais e precisavam ser reposicionados para abranger todas as demais expressões, sob pena de se confirmar a velha desconfiança elitista. Se a sociologia relativizou a literatura, a psicologia a colocou no divã e a antropologia pretendeu estudá-la fora dos livros. Aliás, o texto passou a ser um coadjuvante nos estudos literários que, de tão híbridos, deixaram de ser essencialmente literários.

Portanto, é muito válida a pergunta – para que serve a literatura? Se não soubermos responder e contrapor a antiliteratura, prevalecerão todos os discursos que, de uma forma ou de outra, atacam a arte. De certa forma, a despeito do olímpico desprezo que os clássicos rendem a todas essas babosas teorias, está se consolidando a impressão de que somos incapazes de responder a uma pergunta tão simples.

PIXÉ
REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 24
ANO 3
MARÇO/2021



EDITORIAL

Quando o texto é um mero pretexto, morre a literatura para prevalecer o panfleto, a doutrina, o catecismo. Nos dias atuais, ao ler um romance, parece que estamos diante de um seminário de ciências sociais. Literatura aplicada? Isso existe? Muitos escritores contemporâneos acreditam na função social da literatura, isto é, na subordinação da arte às urgentes pautas que desafiam o Brasil. O texto passa a ser um pretexto para tratar de temas que frequentam cartazes, marchas e campanhas: mobilidade social, racismo, misoginia, homofobia, militância ambiental, violência doméstica, exploração do trabalhador rural, em resumo, nosso rol de equívocos seculares. A estratégia é estetizar as misérias nacionais com o objetivo de conscientizar porque, afinal de contas, Joãozinho Trinta dizia que quem gosta de pobreza é intelectual.

Acreditamos que essa cartilha está redondamente equivocada. É muito natural que as pessoas dedicadas à arte de qualquer natureza sejam afetadas pela realidade ao seu redor. Por isso mesmo, a crítica que enfia a cabeça no texto e despreza o contexto tem grande chance de oferecer uma leitura deficitária. Arte é uma expressão humana e nada compreensível que a interação com a vida, idealizando, projetando, informando, apoiando ou protestando. Contudo, essa simbiose sempre será mediada pela percepção de cada autor porque, se não fosse assim, teríamos um simples negativo da realidade. É justamente por conta dessa mediação autoral é que a arte distingue-se da física, da matemática, da biologia. Alguns campos do conhecimento têm compromissos prévios com a verdade, o que não acontece com a arte.

No jogo entre emissão e recepção, o leitor celebra um contrato tácito com o autor – será sempre ficção a mais realista das obras literárias. O romance é produto de um determinado meio social? Sim, claro, como tudo o mais na vida. Qual a novidade? É isso, mas não é só isso. Pretende-se reduzir a expressão humana às equações deterministas. Portanto, minha gente, um romance pode extravasar o mero espelhamento para sobreviver ao tempo, inclusive desatrelado do contexto inicial em que foi produzido. Não é assim com a música? Alguém sabe qual a motivação de Vivaldi para produzir o seu famoso Opus 8? Será que o prazer precisa encontrar uma explicação no contexto sócio-político-econômico? Só de pensar nisso, o veneziano revira-se no túmulo.

Sem grande esforço, temos o exemplo de Kafka. O autor, entre muitos outros temas, mergulha na questão judaica que era uma pauta europeia da época. Mas a barata que ele criou era apenas isso? Ou era apenas um retrato da exploração do trabalho? Ou era apenas a opressão paterna? Era isso e aquilo, todos os significados originários e quantos mais o leitor conseguir descobrir. E, cá entre nós, os significados mudam muito com o tempo, mas a força estética da obra continua despertando estupefação. O que dizer de Dom Quixote que debochava da literatura de cavalaria? Francamente, quantos romances de cavalaria você já leu? Ainda assim, o Cavaleiro da Triste Figura atravessa os séculos motivando gerações alheias ao contexto de Cervantes.

Mas a literatura é paciente, fiquem tranquilos. Suporta tudo e todos: tiranos que queimam livros, tiranos que escrevem livros e tiranos que analisam livros. Mas não pensem sairão incólumes. O troco vem com o esquecimento de quem tentou fazer da arte um banquinho para discursar na praça. As palmas às paráfrases que se colhem hoje não se comparam ao silêncio de amanhã. É bom lembrar que essa paranoia anticanônica é a mesma que cria ídolos de pés de barro que serão, mais tarde, destruídos por esporte ou por obrigação.

FICHA TÉCNICA

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Carnaíba

EDIÇÃO PILOTO
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Agnaldo Rodrigues da Silva, Caio Augusto Ribeiro, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Ireneu Bruno Jaeger, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Marli Walder, Matheus Guménin Barreto, Paulo Sesar Pimentel, Santiago Santos, Santiago Vilella Marques, Vinícius Dallagnol Reis.
Artista Visual Convidado: Silvio Sartori

EDIÇÃO Nº 1
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Anna Maria Ribeiro Costa, Cristina Campos, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Helena Werneck, João Bosquo Cartola, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Rodrigues, Lucinda Nogueira Persona, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marilza Ribeiro, Mário Cezar Silva Leite, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Odair de Morais, Rodrigo Meloni, Stéfanie Sande, Walesca Cassundé.
Artista Visual Convidada: Regina Penna

EDIÇÃO Nº 2
Colaboradores desta edição: Agnaldo Rodrigues da Silva, Aclyse Mattos, Ademir Pinheiro, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Helena Werneck, Marta Cocco, Luciene Carvalho, Lívia Bertges, Danilo Fochesatto, Marli Walker, Pablo Rezende, Lorenzo Falcão, Amauri Lobo, Caio Augusto Ribeiro, Icleia Rodrigues Lima, Mató Pia Tedesco, Cristina Campos, Divanize Carbonieri, Odair de Morais, Isaac Ramos, João Bosquo Cartola, Sergio Alessandro Soares, Julio Custódio, Lucinda Nogueira Persona, Stéfanie Sande, Raquel Naveira, Marcelina Oliveira, Klaus Henrique Santos, Luiz Renato de Souza Pinto, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Anna Maria Ribeiro Costa.
Artista Visual Convidada: Mató Pia Tedesco

EDIÇÃO Nº 3
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adriano Espíndola dos Santos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro Costa, Caio Augusto Ribeiro, Danilo Fochesatto, Divanise Carbonieri, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Guamá de Belém, Isaac Ramos, Janet Zimmermann, João Bosquo Cartola, Júlio Custódio, Klaus Henrique Santos, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Marcos Blau, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Mário Cézar, Matheus Guménin Barreto, Pablo Rezende, Paulo Pitaluga, Rodrigo Meloni, Rubenio Marcelo, Stéfanie Sandê.
Artista Visual Convidado: Gonçalo Arruda

EDIÇÃO Nº 4
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Amauri Lobo, André Alvez, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro Costa, Caio Augusto Ribeiro, Danilo Fochesatto, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Helena Werneck, Henrique de Medeiros, Janet Zimmermann, Klaus Henrique Santos, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucilene Machado, Lucinda Nogueira Persona, Ludmila Brandão, Luiz Renato, Maria Adélia Menegazzo, Marli Walker, Max Lima, Odair de Morais, Pablo Rezende, Raquel Naveira, Rodrigo Meloni, Rubenio Marcelo, Theresa Hilcar e Wuldson Marcelo.
Artista Visual Convidado: Jonas Barros

EDIÇÃO Nº 5
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Antonio Miranda, Caio Ribeiro, Daniel Zarpelon Leão, Dante Gatto, Divanise Carbonieri, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Ireneu Jaeger, Henrique de Medeiros, Janet Zimmermann, José Eduardo Martins de Barros Melo, Klaus Henrique Santos, Lívia Bertges, Leni Zilioto, Lorenzo Falcão, Lucas Rodrigues, Lucinda Nogueira Persona, Marcos Blau, Marilza Ribeiro, Marta Cocco, Michel Pinheiro, Moisés Mendes Martins Junior, Odair de Morais, Olga Maria Castrillon-Mendes, Pablo Rezende, Rodrigo Meloni, Rosana Ravache, Rubenio Marcelo, Sergio Fragoso, Stéfanie Sandê.
Artista Visual Convidado: Jorge Cerqueira

EDIÇÃO Nº 6
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Amauri Lobo, André Luiz Alvez, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro Costa, Caio Augusto Ribeiro, Eduardo Mahon, Evel Rocha, Everton Barbosa, Henrique de Medeiros, Janet Zimmermann, Kiara Baco Anhon, Klaus Henrique Santos, Lécia Lucas, Leni Zilioto, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucinda Nogueira Persona, Luiz Renato de Souza Pinto, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Odoni Gröhs, Rodrigo Meloni, Rosana Lia Ravache, Walesca Cassundé.
Artista Visual Convidada: Altemira Reuter

EDIÇÃO ESPECIAL - JOÃO ANTONIO NETO
Colaboradores desta edição: Cristina Campos, Divanize Carbonieri, João Antonio Neto, Larissa Silva Freire Spinelli, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Olga Maria Castrillon-Mendes.
Artista Visual Convidada: Mari Gemma De La Cruz

EDIÇÃO Nº 7
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adriano Espíndola Santos, Amauri Lobo, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Ribeiro, Cristina Campos, Dante Gatto, Edson Flavio Santos, Evel Rocha, Henrique de Medeiros, Icleia Rodrigues, Janet Zimmermann, Klaus Henrique Santos, Leni Zilioto, Leonardo Cattoni, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Marli Walker, Pablo Rezende, Paulo Sesar Pimentel, Rafael Morais, Rodrigo Meloni, Rubenio Marcelo.
Artista Visual Convidado: Bosquê

EDIÇÃO ESPECIAL - LITERATURA E PERIFERIA
Colaboradores desta edição: Akins Kintê , Allan da Rosa, Ana Lorena Teixeira, Augusto Cerqueira, Emerson Alcalde, Elizandra Souza, Gaspar Z'África Brasil, Jairo Periafricania, Jéssica Angelin, Luz Ribeiro, Márcio Batista, Walnice Vilalva, Fábio Roberto Ferreira Barreto e Márcio Vidal Marinho, Ludmila Brandão, Márcio Ricardo, Michel Yakini, Mayana Vieira, Meimei Bastos, Nelson Maka, Ni Brisant, Rodrigo Ciríaco, Tula Pilar, Zainne Lima Matos, Thatá Alves, Eduardo Mahon, Caio Augusto Ribeiro.
Artista Visual Convidado: Gervane de Paula

EDIÇÃO Nº 8
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Anna Maria Ribeiro Costa, Caio Augusto Ribeiro, Cristina Campos, Gilberto Nasser, Danilo Fochesatto, Eduardo Mahon, Gervásio Leite, Ivens Cuiabano Scaff, Janet Zimmermann, João Bosquo Cartola, José Pedro Rodrigues Gonçalves, Juliano Moreno Kersul de Carvalho, Lívia Bertges, Lobivar de Matos, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marcos Blau, Marli Walker, Rubenio Marcelo, Marta Cocco, Manuel Bandeira, Natalino Ferreira

Mendes, Santiago Villela Marques, Vitória Basaia.
Fotógrafos da edição: Mário Vilela e Rai Reis.
Artista Visual Convidada: Vitória Basaia

EDIÇÃO Nº 9
Colaboradores desta edição: André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Clark Mangabeira, Eduardo Mahon, Ewerton Barbosa, Helena Werneck, Janet Zimmermann, José Pedro Gonçalves, Klaus Henrique, Leonardo Cattoni, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Persona Nogueira, Luiz Renato, Maria Fernanda Martinez, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Marta Cocco, Mazé Chotil, Nyll M. N. Louie-Alicê, Odoni Grohs, Pablo Rezende, Paulo Sesar Pimentel, Raí Prado, Raquel Naveira, Ricardo Carranza, Rodrigo Meloni, Rubermária Sperandio, Samuel Medeiros, Walesca Cassundé
Artista Visual Convidado: Victor Arruda

EDIÇÃO ESPECIAL - MULHERIO DAS LETRAS
Colaboradores desta edição: Adrianne Rocha, Andreza Pereira, Ângela Coradini, Claudia Gomes, Debora Pedroni Katunaric, Divanize Carbonieri, Eliza Pereira, Flavia Helena, Jade Rainho, Janaina Riva, Janete Manacá, Jéssica Regina, Juçara Naccioli, Juli Veiga, Leila Sampaio, Lindevania Martins, Lindinalva Correia Rodrigues, Lívia Bertges, Lourença Lou, Mari Gema De La Cruz, Maria Ferreira, Maria Teresa, Marli Walker, Marilza Ribeiro, Marithê Azevedo, Paloma Rodrigues, Paula Valeria Andrade, Regina Ruth, Rincon Caires, Rita Queiroz, Sabrina Dalbelo, Sandra Modesto, Sergia A., Sueli Gutierrez, Tatiana Alves, Udar.
Artista Visual Convidada: Neide Silva

EDIÇÃO Nº 10
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Anna Maria Ribeiro, Caio Augusto Ribeiro, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Felipe Rodolfo de Carvalho, Gabriel de Mattos, Helena Werneck, Iael Aguirre, Klaus Henrique, Leni Zilioto, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Nogueira Persona, Marília Beatriz, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Matheus Barreto, Pablo Rezende, Raí Prado Morgado, Raquel Naveira, Ricardo Carranza, Rodrigo Meloni, Stéfanie Sande
Artista Visual Convidado: Oscar Araripe

EDIÇÃO ESPECIAL - LUCINDA
PERSONA: 25 ANOS DE POESIA
Colaboradores desta edição: Carlito Azevedo, Cristina Campos, Eduardo Mahon, Lucinda Nogueira Persona, Ruth Albernaz, Marli Walker, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto Tereza Albues.
Artista Visual Convidada: Ruth Albernaz

EDIÇÃO Nº 11
Colaboradores desta edição: Aclyse Matos, Adriano Espíndola, Agnaldo Batista de Lima, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Ribeiro, Clark Mangabeira, Divanize Carbonieri, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Iael Aguirre, Janet Zimmermann, João Bosquo, Klaus Henrique Santos, Leni Zilioto, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Maria Elizabete Nascimento de Oliveira, Marilza Ribeiro, Nyll M. N. Louie-Alicê, Raí Prado Morgado, Raquel Naveira, Rubenio Marcelo, Stéfanie Sande, Thiago Costa, Walesca Cassundé.
Artista Visual Convidado: Waldomiro de Deus

EDIÇÃO ESPECIAL - BRASILEIROS PELO MUNDO
Curadoria: Sonia Palma
Colaboradores desta edição: Alexandra Magalhães Zeiner, Angela Cardoso, Baron Camilo Agasim-

Pereira of Fulwood, Carla Adriana Almeida Pigarro, Concha Rousia, Daísa Rizzoto Rossetto, Danielli Cavalcanti, Debora Pio, Detlef Günter Thiel, Eliana Bueno, Farah Serra, Fátima Nascimento, Fernanda Moura, Flávia Menegaz, Gabriela Ruivo, Ilana Eleá, Isabel Cintra Söderberg, Ivna Chedier Maluly, Livia Mata, Manuella Bezerra de Melo, Mariana Freitas, Marta Cortezão, Mazé Torquato Chotil, Nara Vidal, Natan Barreto, Patrícia Cacau, Paula Botelho, Sandra Maciel Barreto, Sonia Palma, Terezinha Malaquias, Valeska Alves Brinkmann, Vera Lucia de Oliveira, Veronica Botelho, Virna Teixeira, Viviane Fuentes.
Artista Visual Convidada: Jéssica Traven

EDIÇÃO Nº 12
Colaboradores desta edição: Aclyse Matos, Agnaldo Batista de Lima, André Siqueira, Caio Ribeiro, Cristina Campos, Edu Leporo, Eduardo Mahon, Ernesto Moamba, Gervásio Leite, Henrique de Medeiros, Ivens Cuiabano Scaff, Klaus Henrique, Leni Zilioto, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucas Rodrigues, Luciene Carvalho, Lucinda Persona, Manoel Edivan, Márcio Vidal Marinho, Marcos Almeida Pfeifer, Marli Walker, Marta Cocco, Olga Maria Castrillon Mendes, Pablo Rezende, Thiago Costa, Marília Beatriz de Figueiredo Leite
Artista Visual Convidado: Edu Leporo

EDIÇÃO ESPECIAL - RUÍDO MANIFESTO
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adelaide Ivánova, Angela Coradini, Diogo Cardoso, Divanize Carbonieri, Fernanda Maluf, Isabela Anzolin, Isadora Krieger, Jack Scarpelli, Júlia Hansen, Karla Kinzo, Larissa Campos, Lilian Rocha, Lívia Bertges, Lubi Prates, Lucinda Persona, Marcella Gaioto, Paulo Della Nina, Marília Garcia, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Barreto, Michel Yakini, Natalia Polesso, Natasha Centenaro, Nina Rizzi, Nina Zur, Rafael Gregório, Rafaella Borges, Ravena Veiga, Rodivaldo Ribeiro, Santiago Santos, Sol, Tita Martinuci, Vasco Águia, Wuldson Marcelo, Zainne Silva.
Artista Visual Convidado: Paulo Della Nina

EDIÇÃO Nº 13
Colaboradores desta edição: Agnaldo Batista de Lima, André Luiz Alves Campos, Antonio Cesar Gomes da Silva, Aryanne Rocha, Augusto Krebs, Bruna Ferreira ou Sol, Caio B, Edelson Santana, Felipe Holloway, Gabriel Eduardo Ribeiro Crispim, Humberto Espíndola, Isa Sousa, João Pedro Boesing, Jorge Bazzo Ankar, Luana Soares de Souza, Mirian Schio, Simone de Jesus Padilha, Stefânia Pereira da Silva, Thiago Costa, Túlio Paniago Vilela, Willian Vinicius Cavalcante Fernandes.
Artista Visual Convidado: Humberto Espíndola

EDIÇÃO Nº 14
Colaboradores desta edição: Anna Maria Ribeiro Costa, Agnaldo Batista, Adriano Espíndola, André Siqueira, Carvalho Junior, Clark Mangabeira, Daniel Zarpelon Leão, Danilo Fochessatto, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Eliane Debus, Gabriel de Mattos, Gervásio Leite, Henrique de Medeiros, Adilio Felsing, Marcos Pfeifer, Klaus Henrique Santos, Janet Zimmermann, Leni Zilioto, Matheus Guménin Barreto, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Luciene Carvalho, Marília Beatriz, Marta Cocco, Ricardo Carranza, Sérgio Alessandro Soares Fragoso, Stéfanie Sande
Artista Visual Convidado: Adilio Felsing

EDIÇÃO Nº 15
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Caio Ribeiro, Caio B Pinto, Carlos Silva, Carvalho Junior, Clark, Mangabeira, Diogo Costa Leal, Edson Favio

Santos, Eduardo Mahon, Eliane Debus, Everton Barbosa, Helvio Moraes, Henrique de Medeiros, Iael Aguirre, João Bosquo, Charles Oak, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Luiz Renato, Marcos Morasck, Marcos Pfeifer, Mardson Soares, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marli Walker, Marta Cocco, Pablo Rezende, Raquel Naveira, Rosa Luizari, Santiago Vilela Marques, Stefanie Sande, Thiago Costa, Waldney Jorge de Lisboa, Anna Maria Ribeiro.
Artista Visual Convidado: Charles Oak

EDIÇÃO Nº16
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adriano B. Espindola Santos, Alex de França, André Siqueira, Iael Aguirre, Leni Zilioto, Lorenzo Falcão, Luiz Renato de Souza Pinto, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marilza Ribeiro, Ewerton Rezer Grindri, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Pablo Rezende, Mariana Belize, Anna Maria Ribeiro.
Artista Visual Convidado: Ewerton Rezer Gindri

EDIÇÃO Nº 17
Colaboradores desta edição: Agnaldo Lima, Alexandre Pilati, Caio Ribeiro, Carlos Silva, Clark Mangabeira, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Gabriel de Mattos, Iael Aguirre, Jaqueline Oliveira, João Bosquo, José Danilo Rangel, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Marta Cocco, Rubenio Marcelo, Stefanie Sande, Thamara Parteka, Walesca Cassundé, Anna Maria Ribeiro.
Artista Visual Convidado: Cipriano Souza

EDIÇÃO Nº 18
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adilson Wagner de Oliveira, Adriano Espíndola, Anna Maria Ribeiro, Caio Ribeiro, Caio Leite, Clark Mangabeira, Divanize Carbonieri, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Fernando Tadeu de Miranda Borges, Inae Manuele Nascimento de Oliveira, Janet Zimmermann, João Bosquo, Joyce Nascimento Silva, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucas Rodrigues, Lucinda Persona, Luiz Renato, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Barreto, Moema de Figueiredo Leite, Naiara Pereira, Olga Maria Castrillon-Mendes.
Artista Visual Convidada: Adriana Milano

EDIÇÃO ESPECIAL - PEDRO CASALDÁLIGA
Colaboradores desta edição: Edson, Pedro Casaldáliga, Edson Flavio Santos, Olga Maria Castrillon-Mendes.
Artista Visual Convidado: Aruã Calil

EDIÇÃO Nº 19
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Augusto Leite, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Gabriel de Mattos, Helena Werneck, Helvio Moraes, Franco Guardino, Jaqueline da Silva Oliveira, Jaqueline Oliveira, João Bosquo, Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, Marcos Pfeifer, Maria Cleunice Fantinawti da Silva, Marta Cocco, Olga Maria Castrillon-Mendes, Priscila Darolt, Ricardo Carranza, Rodrigo Meloni, Agnaldo Lima.
Artista Visual Convidado: Franco Guardino

EDIÇÃO ESPECIAL - LUCIENE
CARVALHO: 25 ANOS DE POESIA
Colaboradoras desta edição: Jacinaila Ferreira, Luciene Carvalho, Maria Elizabete, Olga Maria Castrillon-Mendes.
Artista Visual Convidado: Paulo Sayeg

EDIÇÃO Nº 20
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Adilson Vagner de Oliveira, Adriano B. Spíndola Santos, Adriano de Paula Rabelo, Anna Maria Ribeiro, Caio Augusto Leite, Caio Ribeiro, Carlos Silva, Clark Mangabeira, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Edson Flavio Santos, Eduardo Mahon, Everton Barbosa, Gabriel de Mattos, Janet Zimmermann, João Bosquo, Klaus Henrique Santos, Lorenzo Falcão, Lucinda Persona, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Marcelo Labes, Marcos Blau, Marcos Morask, Marcos Pfeifer, Mardson Soares, Maria Cleunice Fantinati da Silva, Marli Walker, Olga Maria Castrillon-Mendes, Valdeire Verneque Dias.
Artista Visual Convidado: Marcos Guinoza

EDIÇÃO Nº 21
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Caio Augusto Leite, Clark Mangabeira, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Eduardo Mahon, Expedito Eloísio Ximenes, Gabriel de Mattos, Isa Souza, Janet Zimmermann, Jeovânia Pinheiro, João Bosquo Cartola, Lucas Lemos, Lucinda Persona, Manoel Mourivaldo, Marcelo Labes, Mário Cezar Silva Leite, Marli Walker, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto, Odair de Morais, Olga Maria Castrillon-Mendes, Stefanie Sande, Sylvia Cesco, Thiago Costa, Walesca Cassundé, Wuldson Marcelo.
Artista Visual Convidada: Dora Robalo

EDIÇÃO ESPECIAL RAÍZES DO BRASIL
Colaboradores desta edição: Aloir Pacini, Anna Maria Ribeiro, Aurélio Augusto, Edenilson Dutra de Moura, Edir pina de Barros, eniel Gahette, Flávio Gatti, Giovani José da Silva, Inácio Werner, Janete Manacá, José Eduardo F. M. da Costa, Leide Ferraz, Lívia Bertges, Loyuá Ribeiro Fernandes Moreira da Costa, Mário Mendes, Maria Clara Bertúlio, Maria Marincina, meire Pedroso da Silva, Rosemar Coenga, Ruth Albernaz, Silvano Chue Muquissai, Sônia Regina Romancini, Suely Siqueira.
Artista Visual Convidado: Henrique Santian

EDIÇÃO Nº22
Colaboradoras desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Adilson Vagner de Oliveira, Adriano B. Spíndola Santos, Antônio Sodré, Aparecido Carmo, Bruna Marcelo Freitas, Caio Augusto Leite, César Veneziani, Clark Mangabeira, Cristina Campos, Dante Gatto, Divanize Carbonieri, Edir Pina de Barros, Eduardo Mahon, Icleia Rodrigues de Lima, Janet Zimmermann, João Bosquo, Klaus Henrique Santos, LJorge, Lorenzo Falcão, Luciene Carvalho, Lucinda Nogueira Persona, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Marcelo Labes, Marli Walker, Marta Cocco, Nathalia Campos, Odair de Morais, Paulo Sesar Pimentel, Raquel Naveira, Stefanie Sande, Thiago Costa, Anna Maria Ribeiro Costa.
Artista Visual Convidada: Tatiana Brodatch

EDIÇÃO Nº 23
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Adilson Vagner de Oliveira, André Siqueira, Caio Augusto Leite, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Gabriel Mattos, Helena Werneck, João Bosquo, Karina Oliveira, Klaus Henrique Santos, Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida, Marcelo Labes, Marta Cocco, Nathalia Campos, Odair de Morais, Pablo Rezende, Rubenio Marcelo, Santiago Santos, Stefanie Sande, Anna Maria Ribeiro Costa.
Artista Visual Convidada: Julia Pereira

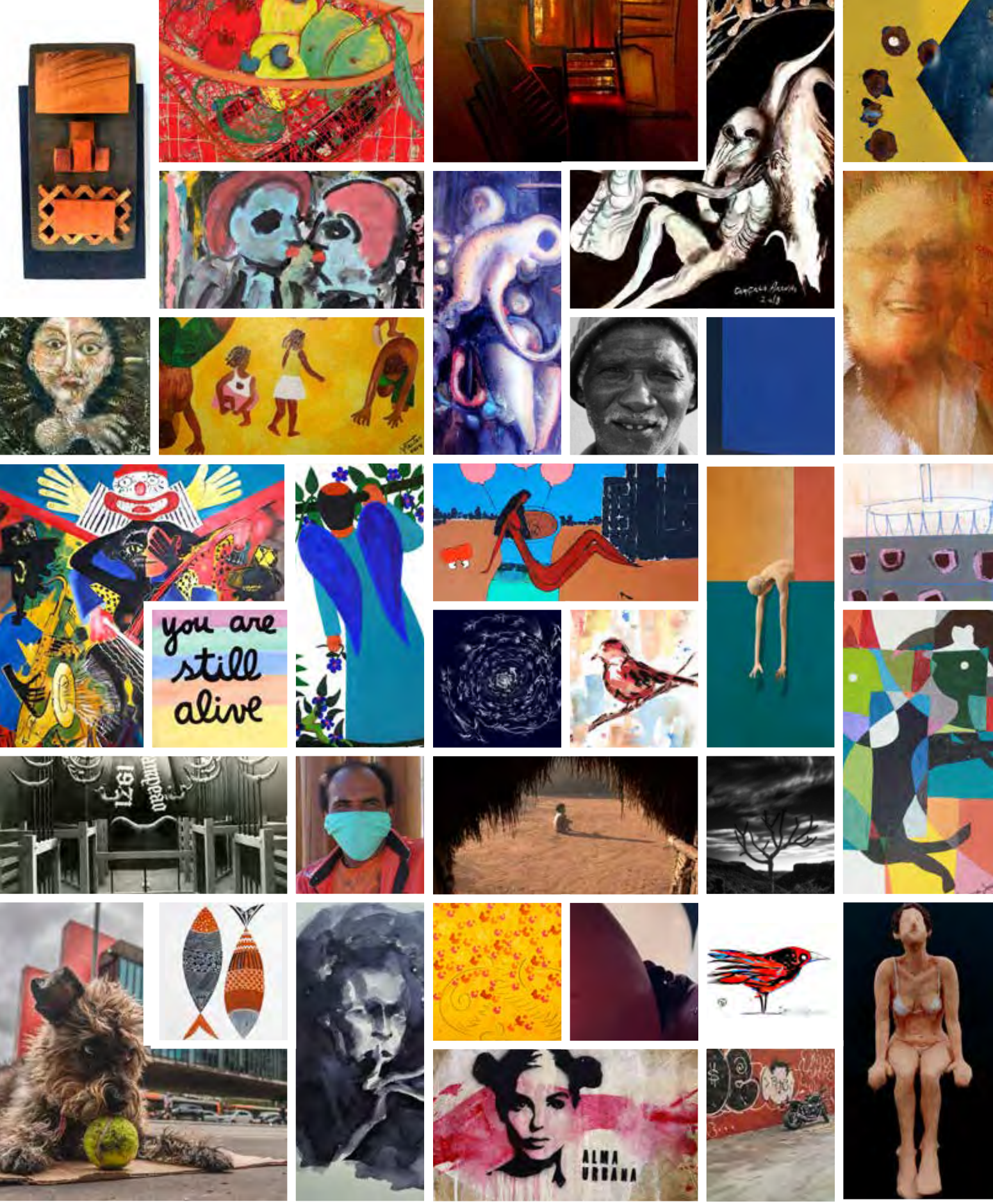
EDIÇÃO Nº 24
Colaboradores desta edição: Aclyse Mattos, Divanize Carbonieri, Edson Flavio Santos, Helvio Moraes, Icleia Lima, Lucinda Persona, Paulo Sesar Pimentel, Marli Walker, Marta Cocco, Olga Maria Castrillon-Mendes, Stéfanie Sande, Walnice Vilalva.
Artista Visual Convidado: Vincent Giarrano

P694
Pixé Revista Literária./ Eduardo Mahon.
Edição comemorativa. Ano 3 - Cuiabá-MT, abril/2021.

ISSN 2764-7006

1. Literatura. 2. Revista Pixé. I.Título.
CDU 82

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Douglas Rios (CRB1/1610)



PHÉ
REVISTA LITERÁRIA

Carlini&Caniato editorial

LEI ALDIR BLANC EM CUIABÁ

CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL

CUIABÁ PREFEITURA
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, ESPORTE E LAZER

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL